



2º

**Seminário de
Pesquisa em
Jornalismo
do MsJor**

**UEPG Central
Ponta Grossa-PR**



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

UEPG, 14 a 16 de agosto de 2017

Apresentação

O II Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor teve como propósito debater coletivamente as pesquisas em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, área de concentração Processos Jornalísticos, pelos mestrandos das turmas de 2017 e 2018.

A novidade deste ano foi a inclusão da apresentação das pesquisas em andamento pelos professores do Programa e vinculadas aos grupos de pesquisa: Lógicas de Produção e Consumo no Jornalismo, Mídias Digitais, Jornalismo e Gênero, Jornalismo Cultural e Folkcomunicação, Jornalismo e política: representações e atores sociais e/ou Jornalismo, conhecimento e profissionalização.

O evento é dirigido ao público interno do Mestrado em Jornalismo e esta edição compreendeu a três tardes de atividades, com apresentação de resumos expandidos seguidos pelos debates e comentários. Ao todo foram discutidos 15 projetos de pesquisas, com ênfase no recorte teórico-metodológico. Os resumos estão publicados nos anais digitais do evento, oportunizando o conhecimento e a difusão dos projetos em desenvolvimento e possíveis diálogos com pesquisadores na tentativa de agregar às discussões e contribuir para o fortalecimento dos estudos em Jornalismo.



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

EXPEDIENTE

II Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

14 a 16 de agosto de 2018

ISSN: 2594-8415

Realização

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Organização

Guilherme Moreira Fernandes

Paula Melani Rocha

Vinícius José Biazotti Sabino

Comitê Científico

Dr. Carlos Willians Jaques Morais

Dra. Cíntia Xavier

Dr. Felipe Simão Pontes

Dra. Graziela Soares Bianchi

Dr. Guilherme Moreira Fernandes

Dra. Hebe Maria Gonçalves de Oliveira

Dr. Ivan Bomfim

Dra. Karina Janz Woitowicz

Dr. Marcelo Engel Bronosky



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

Dra. Paula Melani Rocha

Dr. Sérgio Luiz Gadini

Organização dos Anais

Produção técnica: Vinícius José Biazotti Sabino e Paula Melani Rocha

Editora: UEPG

Sumário

A apropriação da Lei de Acesso à Informação no jornalismo político pela <i>Gazeta do Povo</i>	6
Estratégias e critérios editoriais na cobertura noticiosa do jornalismo diário regional dos Campos Gerais do Paraná	11
Os enquadramentos no jornalismo cultural de VEJA e CARTA CAPITAL	18
Páginas em luta: Demandas por políticas públicas para mulheres na imprensa feminista brasileira entre os anos 1970 e 1980	24
Interface entre jornalismo e gênero: A cobertura dos portais de notícias A REDE e RSN sobre violência contra a mulher	30
Indicadores para a qualidade jornalística a partir da análise do observatório da imprensa: Uma contribuição para a crítica de mídia	36
As mídias sociais no ambiente de rotinas produtivas: um estudo sobre a notícia nas redes sociais do jornal GaúchaZH	44
A Migração do Rádio AM para o FM em Ponta Grossa	49
Gênero & Sexualidade pela prática jornalística independente em convergência no Brasil.....	54
A maternidade no jornalismo ponta-grossense: um estudo dos discursos sobre as mulheres mães no Diário dos Campos.....	61
O jornalismo literário atual – os casos Rascunho e Cândido.....	66
A influência das métricas no webjornalismo do Amapá: um estudo do <i>ethos</i> dos jornalistas do G1 e Selesnafes.Com sob a ótica da cultura caça-clique.....	75
As mulheres no jornalismo impresso dos Campos Gerais: Um levantamento do perfil e das diferenças de gênero no jornalismo	80
Imprensa Lésbica no Brasil - constituindo uma trajetória.....	86
Cobertura jornalística das eleições de 2014 e 2018 para governador do Maranhão: análise comparativa das publicações dos jornais O Estado do Maranhão e O Imparcial	90



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

A apropriação da Lei de Acesso à Informação no jornalismo político pela *Gazeta do Povo*

Nome do aluno (a): Daniela Borcezi

Orientador (a): Carlos Willians Jaques Morais

Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar a apropriação da Lei de Acesso à Informação (LAI) no jornalismo político da *Gazeta do Povo*, no sentido de identificar se o jornal tende à fiscalizar atuação do governo através deste dispositivo legal e a fomentar o debate político acerca da coisa pública. Neste contexto, busca-se mapear o processo jornalístico e suas interfaces com a comunicação pública de governo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, documental e de análise de conteúdo, correspondente às notícias veiculadas entre os anos de 2012 a 2018. Pressupõe-se que a *Gazeta do Povo*, não vem acompanhando de forma recorrente o processo de accountability dos agentes públicos e há tendência de reproduzir notícias provenientes das agências de governo ou assessorias de imprensa.

Palavras chaves: LAI; *Gazeta do Povo*; jornalismo político

Tema e problema

A produção de notícia norteadada pela agenda dos governos é um dos principais problemas identificados na cobertura do jornalismo político, mas cabe aos profissionais de imprensa apostar em novas ferramentas de apuração, que dê certa autonomia para a elaboração das pautas, como forma de não reproduzir apenas as notícias oficiais. Neste sentido, as assessorias de imprensa facilitam a rotina dos jornalistas ao apresentar conteúdos de acordo com os processos jornalísticos. Para Duarte (2010) às assessorias disponibilizam informações prontas para o uso nas redações, pois já conhecem atuação dos jornalistas e por isso passam a ter mais chances de interferir no processo, com a oferta de pautas.

De outro modo, ao jornal se apropriar da Lei de Acesso à Informação como instrumento de produção poderá revigorar informações mais relevantes para a sociedade. Segundo Lopes (2014, p.78), “cabe à mídia não apenas servir ao público a agenda oficial, mas trazer à tona informações que possam provocar mudanças positivas no poder público e na sociedade”.

Com base nestas perspectivas, a pergunta que orienta a presente pesquisa é: Como a *Gazeta do Povo* se apropria da Lei de Acesso à Informação para pautar notícias políticas paranaense?

Objetivos

- 1) Verificar se há divulgação de dados abertos sobre atuação dos agentes públicos com uma abordagem analítica do acontecimento.
- 2) Analisar se os princípios de transparência da LAI são tematizados pelo jornal ou há tendência de reproduzir a agenda de governo sobre a disposição desta lei.
- 3) Quais as modalidades de informação que a LAI aparece nas notícias? A LAI tende a ser utilizada pelo jornal como pauta ou fonte nas notícias políticas?
- 4) A LAI tende aparecer no jornal apenas quando se trata de assuntos do Poder Executivo Federal?
- 5) Verificar os marcos temporais em que a LAI é utilizada pelo jornal como fonte, na perspectiva de identificar se após a sua implantação em 2012, houve o aumento de notícias com esse dispositivo legal.

Bases teóricas

Dutra e Paulino (2016) atribuem a imprensa relevante papel no processo de amadurecimento de uma sociedade democrática ao fazer uso da Lei de Acesso à informação, pois ao apontar as falhas de aplicação da norma indicam quais são os setores públicos que estão mais resistentes à cultura da transparência.

A Lei de Acesso abre caminho para alterar a lógica dominante da opacidade no sistema administrativo público. Porém, é sabido que apenas o aspecto jurídico não é suficiente para desconstruir toda a tradição de secretismo do Estado brasileiro. Em um país onde leis podem “pegar” ou não, o jornalismo desempenha um papel imprescindível para a aplicação efetiva da Lei de Acesso. Trata-se da conquista de um direito essencial para a categoria, intrinsecamente ligado à liberdade de expressão. Cabe aos profissionais utilizarem a lei, produzirem demandas e, caso seja necessário, recorrer às instâncias superiores para obterem a informação solicitada. Ainda que existam dificuldades para o pleno exercício do direito de acesso à informação pública, é preciso ter em mente que a longo prazo os esforços empenhados resultam em benefícios para toda a sociedade.

(DUTRA; PAULINO, 2016, p.187)

Um dos principais desafios para o funcionamento da “accountability” está na disponibilidade de informações por parte dos governantes, visto que a transparência permite avaliar o nível de um Estado democrático. Desse modo, Dutra e Gentili (2016, p.129) concebe

atividade jornalística no papel de fomentar os cidadãos de informação pública. “Uma sociedade com cidadãos bem informados e esclarecidos conta com uma democracia mais forte. Vista dessa perspectiva, quanto mais os jornais cumprem sua função com qualidade, mais democrática é a sociedade”. Portanto, a apropriação da LAI pelos jornais tem significativas contribuições para a democracia, pois ao intermediar a comunicação de governo com o público, possibilita que as informações sejam transformadas em ação política.

Além desta acepção, a discussão será fundamentada pelos conceitos de direito e democracia (HABERMAS;1997), comunicação pública (DUARTE;2009) e agendamento midiático (MacCombs;2009).

Metodologia

É uma pesquisa exploratória das publicações da *Gazeta do Povo* entre os anos de 2012 a 2018 sobre apropriação da LAI pelo jornal nas notícias políticas. A busca por notícias no site do jornal pautou-se por palavras chaves, que remetem ao objeto de estudo: Lei de acesso à informação, transparência e lei nº 12.527/2011. Ao todo foram localizadas 118 publicações entre gênero informativo e opinativo no período de seis anos.

A análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) permite fazer uma reflexão qualitativa do conteúdo jornalístico e estabelecer categorias acerca do objeto analisado. Para análise deste conteúdo foram estabelecidas categorias temáticas a partir da LAI, pois o documento é considerado um indicador analítico (LAVILLE, DIONNE;1999), que serve de referência para fixar limites contextuais para a interpretação.

Em relação as modalidades de informação que aparece a LAI, definiram-se os tipos de fontes em transparência ativa, entendida como a disponibilização da informação de modo espontâneo, por meio da divulgação nos portais de órgãos públicos. E transparência passiva, da qual a solicitação é feita pelo jornalista através dos pedidos de acesso à informação no serviço de informação ao cidadão (SIC). As categorias de análise foram sistematizadas da seguinte maneira:

Quadro 1.0 - Categorias definidas

Título
Enquadramento episódico X enquadramento

temático (denúncia, escândalos políticos, controle social, programa de governo)
Editoria
Jornalista Responsável
Abrangência (Nacional, Estadual, Municipal)
Esfera Política (Executivo, Legislativo, Judiciário, entidades privadas)
Fontes (SCHIMIDT,2011)
Modalidade de informação (Pauta, fonte, informação cruzada, informação ampliada) (NASCIMENTO, RODRIGUES, KRAEMER; 2015)
Valor notícia

Fonte: Elaboração própria

Possíveis resultados

A *Gazeta do Povo* tende a não agendar de modo recorrente a *accountability* do governo através da LAI, pois grande parte das notícias foram divulgadas nos primeiros anos de implantação da lei em 2012. Neste período, há significativa presença de notícias provenientes das agências Brasil, Estado e Globo.

Em relação à temática, o orçamento público predomina como os salários dos servidores públicos e os gastos da administração pública de Curitiba. Portanto, as notícias pautaram o poder executivo municipal, o que contrapõe a perspectiva de que o poder executivo federal é pauta predominante, por ter sido o primeiro órgão a se adequar à LAI. No entanto, esses avanços não foram perceptíveis nas esferas do Poder Legislativo, Judiciário e entidades privadas sem fins lucrativos (ONGs).

Ao que se refere à modalidade de informação, a LAI tende aparecer enquanto pauta. Já em relação às fontes, os portais de transparência são mais utilizados nas notícias que à requisição de dados pelos jornalistas aos órgãos públicos. Além disso, também são identificadas outras modalidades nos textos, por exemplo, a utilização da LAI para cruzar informações, ou seja, o foco principal da matéria não é a informação específica da LAI.

Os resultados apontam indícios da incorporação da LAI na rotina de produção, porém nos últimos anos essa não tem sido a tendência do jornal, pois há significativa presença de matérias terceirizadas pela Agência Livre.Jor e demais colaborações.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

DUARTE, J. **Release: História, técnica, usos e abusos**. In: DUARTE, J. (org.) Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica. São Paulo: Atlas, 2010.

DUTRA, P.L.;GENTILLI, V. **Arcana Imperii e Accountability: Jornalismo, Segredo e Transparência**. In: GUERRA, J.; MARTINS, G.; ROTHBERG, D. (orgs) Crítica do Jornalismo no Brasil: Produção, Qualidade e Direito à Informação. Universidade da Beira Interior,Portugal,2016.Disponível:<http://www.labcomifp.ubi.pt/ficheiros/201612291659201618_criticajornalismo_jguerra.pdf> Acesso em: 01. Mar.2018.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia: entre a factividade e a validade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LOPES, B. **O uso da lei de acesso à informação pública como ferramenta do jornalismo investigativo no Brasil: Uma análise de conteúdo do Zero Hora**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.Disponível:<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/19338/12300>Acesso: 09 de jan. 2018.

McCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Estratégias e critérios editoriais na cobertura noticiosa do jornalismo diário regional dos Campos Gerais do Paraná

Nome do aluno (a): Edilene dos Santos Ogura

Orientador (a): Sérgio Luiz Gadini

Resumo

Esta pesquisa tem como objeto a cobertura regional realizada pelos dois jornais diários sediados em Ponta Grossa (PR) – *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*. Parte-se da hipótese de que ambos dão pouco espaço à divulgação de notícias das demais cidades da Região dos Campos Gerais do Paraná, para além de Ponta Grossa. O objetivo geral da pesquisa é identificar estratégias destes meios de comunicação para pautar assuntos que contemplam os municípios no entorno da cidade-polo. A importância do trabalho deve-se ao fato de que de todas as cidades dos Campos Gerais apenas Ponta Grossa possui jornais impressos com edição diária em 2017. A pesquisa tem como referenciais teóricos critérios de noticiabilidade e *Gatekeeper*. As técnicas de pesquisa aplicadas, até o momento, incluem análise do conteúdo das capas nos dois jornais por dois meses consecutivos.

Palavras-chave: Jornalismo Regional; Jornal Impresso; Critérios de Noticiabilidade; Campos Gerais.

Tema de pesquisa, objeto e objetivos e hipótese/problema

O tema desta pesquisa é jornalismo regional, sendo o objeto de estudo a cobertura noticiosa realizada pelos jornais impressos *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* sobre as cidades vizinhas a Ponta Grossa (PR), sede de ambos os periódicos. O problema consiste em saber qual o espaço, o reconhecimento e as estratégias editoriais marcam os dois jornais a respeito dos temas e acontecimentos registrados nos municípios dos Campos Gerais. A pesquisa busca verificar e entender a abordagem (ênfase, indiferença ou relevância) que os diários dispensam aos temas regionais.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar objetivos e estratégias destes meios de comunicação para pautar assuntos que contemplam as cidades da região. Neste sentido, os objetivos específicos são descobrir se os municípios que ficam no entorno de Ponta Grossa aparecem no noticiário dos dois veículos de comunicação analisados; se sim, quais são as

idades mais citadas pelos jornais e quais os temas que levam um município a se tornar pauta e analisar em quais editoriais a suposta cobertura regional costuma aparecer.

Importante ressaltar o mapa que está sendo utilizado nesta pesquisa, uma vez que a expressão “Região dos Campos Gerais” não existe oficialmente. Trata-se da mesorregião geográfica centro-oriental paranaense, que tem como cidade-polo Ponta Grossa, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. De acordo com o IBGE, 14 municípios formam essa região do Paraná, mas os jornais consideram integrantes da região mais cidades e, por isso, o estudo elencou 27 municípios como integrantes da região. E são eles que estão sendo procurados nas páginas dos dois periódicos.

Justificativa

A autora desta pesquisa possui experiência profissional no jornalismo impresso em Ponta Grossa e região, por isso o interesse pelo assunto e a iniciativa em trazê-lo para as discussões do campo acadêmico. Além disso, observa-se uma lacuna no que tange aos estudos sobre jornalismo regional nos Campos Gerais. A pesquisa da pesquisa aponta quais e que tipos de estudos já foram realizados com o tema jornalismo regional. Junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) verificou-se a existência de 2.493 trabalhos sobre o assunto entre 1987 e 2016. São 1.970 dissertações e 523 teses¹. No Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontradas, desde 2005, 19 dissertações e quatro teses.

É pertinente ainda salientar que o jornalismo local/regional é responsável por levar informações de interesse público às pessoas, no entanto, há um vazio desses meios de comunicação em boa parte do Brasil, como mostra o Atlas da Notícia, divulgado em 2017. Realizado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) e Observatório da Imprensa, em parceria com a Vol Data Lab, o estudo denominado “Deserto de notícias: um panorama do jornalismo local e regional no Brasil” mostra que cerca de 4.500 municípios (cuja soma ultrapassa 70 milhões de habitantes – o equivalente a 35% da população brasileira) não possuem jornais impressos nem sites de notícia. Os 5.354 veículos identificados estão

¹ Acesso em 16 mai.2017.

distribuídos em 1.125 cidades. Daí também a importância de conhecer ainda mais profundamente veículos de comunicação que se pretendem regionais.

Referencial teórico

Os referenciais teóricos e conceitos a serem trabalhados estão baseados, entre outros, em autores como Pâmela Shoemaker, fonte no assunto Teoria do *Gatekeeper*; Gislene Silva e Marcos Paulo da Silva, que estudam critérios de noticiabilidade; Gaye Tuchman, na área do *Newsmaking*; Sônia Aguiar, Sônia Moreira, Jaqueline Deolindo e Beatriz Dornelles, referências no que tange ao tema jornalismo regional.

A pesquisa segue o paradigma do construtivismo social, o qual, de acordo com Guba (1990), não tem a pretensão de prever e controlar o mundo real (positivismo e pós-positivismo), tampouco transformá-lo (teóricos críticos), mas apontar que o mundo é fruto de uma construção e/ou reconstrução e da interação entre as pessoas e a natureza.

A Ciência dos Jornais, de Groth (2011), também é fundamental para o referencial teórico desta pesquisa. Segundo ele, periodicidade e publicidade são características ligadas à forma do jornal, enquanto a universalidade e a atualidade têm relação com o conteúdo, mas as quatro se conectam e são consideradas, nas palavras de Groth (2011), subjetivas/objetivas.

O presente estudo visa identificar os critérios de noticiabilidade que norteiam a escolha de determinados assuntos da Região dos Campos Gerais para serem noticiados na versão impressa dos diários de Ponta Grossa. De acordo com Silva, G. (2014), o conceito de noticiabilidade é amplo e não deve ser considerado sinônimo de valores-notícia e seleção de notícias.

A autora elenca três conjuntos que compõem os critérios de noticiabilidade. O primeiro deles é a origem dos fatos, caracterizado pelos valores-notícia; o segundo é o tratamento dos fatos, ou seja, a seleção hierárquica dos acontecimentos (incluindo aí as rotinas de produção, a organização, etc); e a visão dos fatos, que inclui a questão ética, filosófica e epistemológica do jornalismo. “Esses conjuntos, com certeza, não funcionam de modo isolado. Na prática da produção noticiosa, todos esses critérios variados de noticiabilidade atuam concomitantemente”. (SILVA, G., 2014, p. 53).

Na tentativa de responder à pergunta sobre o que faz um acontecimento receber o *status* de notícia, Silva, M. P. (2014) oferece quatro grupos de classificação: o primeiro centrado nos

jornalistas (*gatekeeping*); o segundo, nas rotinas de produção; o terceiro, nos chamados eventos noticiáveis; e o quarto, nas forças oriundas do exterior da organização jornalística. “Cada uma dessas alternativas de explicação ao processo de seleção noticiosa possui certo grau de verdade ou validade”. (SILVA, M. P., 2014, p. 29).

Ainda dentro da proposta teórica, a pesquisa se embasa na Teoria do *Gatekeeping*. Shoemaker e Vos (2011, p. 11) explicam que “*gatekeeping* é o processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na quantidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna”.

Metodologia

No campo da metodologia, a investigação tem abordagem quanti-qualitativa, por meio da análise de produto jornalístico com técnicas da análise de conteúdo (com definição de variáveis que orientam a estruturação editorial). A proposta foi coletar e analisar todas as edições do *JM* e do *DC* dos meses de setembro e outubro de 2017 e entre as justificativas para a escolha deste período estão a suposta neutralidade desta época do ano, por não coincidir com férias coletivas ou recessos (especialmente nos órgãos públicos), e por não ser um ano eleitoral.

Para a realização do estudo, foram criadas categorias e variáveis num livro de códigos. Foram verificados, por exemplo: formato da chamada (manchete, chamada com ou sem foto, chamada-título, etc.), localização, município, abrangência da notícia (local, regional, estadual, etc.), tema (saúde, educação, político-institucional, etc.) e o elemento selecionador (desvio estatístico, significância econômica, interesse corporativo, etc.).

Possíveis resultados

Até a submissão deste resumo expandido, já havia sido concluído a análise preliminar dos conteúdos das capas. Foram verificadas, nos dois jornais, 992 chamadas (592 no *DC* e 400 no *JM*).

A análise demonstra que 13% das chamadas de capa do *DC* eram de cunho regional, sendo que 11 municípios foram citados na primeira página. O *JM* também citou 11 cidades da região na capa e, do total de chamadas, 16% eram de abrangência regional.

Como possíveis resultados, esta análise inicial demonstra que o *DC* abre espaço para municípios da região quando os temas são cultura, violência e segurança e político-institucional. O *JM*, por sua vez, opta por assuntos que envolvam políticos (detentores de mandato eletivo), violência e segurança e economia. O município com maior número de chamadas em ambos os jornais é Carambeí, com seis notícias de capa no *JM* e 12 no *DC*. (TAB. 1 e 2).

TABELA 1 - Municípios do entorno de Ponta Grossa nas capas do DC

MUNICÍPIO	QUANTIDADE CHAMADAS	TEMA MAIS PRESENTE
Carambeí	12 (9 chamadas com foto)	Variedades/cultura (7 chamadas)
Castro	8 (4 chamadas com foto)	Político-institucional e Variedades/cultura (ambos os temas com 2 chamadas cada)
Tibagi	6 (2 chamadas com foto)	Político-institucional e Violência/segurança (ambos os temas com 2 chamadas cada)
Palmeira	2 (ambas com foto)	Economia e Pessoa do político
Ipiranga	2 (1 sem foto)	Violência/segurança e Pessoa do político
Irati	2 (nenhuma com foto)	Violência/segurança e Saúde
Sengés	1 (sem foto)	Violência/segurança
Arapoti	1 (sem foto)	Infraestrutura urbana
Imbituva	1 (sem foto)	Infraestrutura urbana
Ortigueira	1 (sem foto)	Violência/segurança
Piraí do Sul	1 (sem foto)	Violência/segurança

Fonte: Autora, 2018

TABELA 2 - Municípios do entorno de Ponta Grossa nas capas do JM

MUNICÍPIO	QUANTIDADE CHAMADAS	TEMA MAIS PRESENTE
Carambeí	6 (4 com foto)	Economia (2 chamadas)

Jaguariaíva	5 (1 com foto)	Pessoa do político (3 chamadas)
Castro	4 (todas com foto)	Pessoa do político, Saúde, Variedades/cultura, Acidentes
Tibagi	1 (com foto)	Violência/segurança
Imbituva	1 (sem foto)	Acidentes
Arapoti	1 (com foto)	Economia
Reserva	1 (sem foto)	Pessoa do político
Imbaú	1 (sem foto)	Pessoa do político
Telêmaco Borba	1 (sem foto)	Pessoa do político
Ventania	1 (sem foto)	Pessoa do político
Piraí do Sul	1 (sem foto)	Pessoa do político

Fonte: Autora, 2018

Referências bibliográficas

AGUIAR, S. **Territórios do jornalismo: geografias de mídia local e regional no Brasil**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

GROTH, O. Parte II: "As características...". In: **O poder cultural desconhecido**. Fundamentos da Ciência dos Jornais. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUBA, E. **The Paradigm Dialog**. London: Sage, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em Mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf. Acesso em 17 nov.2017.

MOREIRA, S. V.; DEOLINDO, J. da S. Mídia, cidade e interior. **Revista Contemporânea (UERJ)**. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/6958>. Acesso em 12 jun.2017.

SILVA, G. O Fenômeno Noticioso: objeto singular, natureza plural. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 9, p. 9-15, jul/dez 2009.

_____. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G. SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (org). **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 51-69.

SILVA, M. P. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014, p. 25-38.

SHOEMAKER, P.; VOS, T. P. (2009). **Teoria do Gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

_____. Prefácio. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (org.) **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014, p. 15-18.

TUCHMAN, G. (1972). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo**: questões, teorias e história. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

_____. **La producción de la noticia**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1983. p. 196-232.

Os enquadramentos no jornalismo cultural de VEJA e CARTA CAPITAL

Nome completo do aluno (a): Fernando Lopes

Orientador (a): Karina Janz Woitowicz

Coorientador: Ivan Bomfim

Resumo

Este trabalho se propõe a observar e compreender como o jornalismo cultural se materializa em duas revistas generalistas de periodicidade semanal: *Veja* e *Carta Capital*. A partir de uma *framing analysis* indireta – na qual os quadros não são definidos de antemão, mas identificados através de elementos presentes nos textos –, objetiva-se identificar valorações, temas e escopo (regional, nacional ou internacional), além de marcas autorais. O primeiro semestre de 2018 é utilizado como recorte temporal, totalizando 50 edições (25 de cada veículo).

Palavras-chave: Jornalismo cultural; jornalismo de revista; *framing analysis*

Tema e problema

Este trabalho se propõe, a partir da análise de duas revistas generalistas semanais – *Veja* e *Carta Capital* –, a compreender o jornalismo cultural praticado na atualidade por veículos desta natureza. Seja na prática jornalística cotidiana ou nos estudos sobre esta, o jornalismo cultural é inserido em uma atmosfera de crise. De maneira geral, fala-se da mesma crise que assola o jornalismo como um todo: de mercado, de formatos, de ética. De forma específica, há a crítica a uma suposta redução do jornalismo cultural a um formato de agenda, que se limita ao entretenimento e se amarra aos calendários de eventos que integram o fluxo principal (*mainstream*) do circuito cultural.

Ao mesmo tempo, e de maneira aparentemente contraditória, o jornalismo cultural ainda é encarado como espaço genuíno de divulgação e (re)produção cultural. Faro (2007, p. 2), por exemplo, ao mesmo tempo em que afirma que o jornalismo cultural “teria perdido suas características em razão de uma decorrência quase lógica da preeminência que o *valor de troca* imprimiu à produção cultural”, também considera que este

pode ser ainda espaço de reflexão e de produção que vai no sentido inverso ao da hegemonia dessa lógica, isto é, amplifica questões de natureza

estético-conceituais e políticas que o transformam em local privilegiado da produção intelectual de uma determinada formação social (FARO, 2007, p. 4).

É digna de nota, também, a constante associação entre crítica cultural como sinônimo – ou como condição *sine qua non* – de um *bom* jornalismo cultural. Ao afirmar que o jornalismo cultural perdeu suas “características”, Faro as identifica como componentes de “um espaço autêntico de veiculação de idéias, em especial pelo papel que a crítica literária adquiriu em sua formulação ao longo do tempo” (2007, p. 2); escrevendo para o *Observatório da Imprensa*, Rodney Brocanelli também reproduz esta relação sinonímica entre jornalismo cultural e crítica, afirmando que “o jornalismo cultural praticado por aqui, porém, tem peculiaridades que devem ser levadas em consideração na hora de se fazer uma análise mais profunda. Nossa crítica musical se caracterizou durante anos por tentar furos de reportagem”. Outros exemplos poderiam ser exaustivamente citados.

Este trabalho parte da perspectiva de transformação da crítica cultural. Em uma primeira incursão aos veículos analisados, foi possível observar formatos majoritariamente híbridos – reportagens, resenhas e entrevistas com elementos de crítica, por exemplo. Esta hibridação já havia sido percebida por Golin. Diz a autora que

um exercício didático para pôr à prova a configuração e o hibridismo dos formatos, típica característica do jornalismo cultural, é analisar a intenção narrativa e argumentativa dos textos de cada produto, revista, caderno, suplemento. Não é fácil enquadrar esses discursos em categorias estanques (informação, opinião, interpretação, análise); é perceptível o baralhamento, a hibridação dos modelos de construção (GOLIN, 2009, p. 32)

Desta forma, não pensamos o jornalismo cultural a partir de seus formatos textuais, mas de suas temáticas, valorações e enquadramentos. Por esta razão, a análise se utiliza da perspectiva teórico-metodológica oferecida pelo paradigma do *framing*. A partir dele, serão observadas as editoriais de cultura das revistas *Veja* e *Carta Capital*, tendo como recorte temporal o primeiro semestre de 2018. Nosso propósito é observar como a cultura se materializa em veículos que, em suas orientações editoriais, são demarcados por um antagonismo ideológico.

Objetivos

O principal objetivo deste trabalho é compreender, a partir da amostragem de 50 edições (25 de cada veículo) publicadas no primeiro semestre de 2018, como a cultura se manifesta nas páginas de *Veja* e *Carta Capital*, identificando elementos de enquadramento como valorações, causas, julgamentos morais e possíveis soluções (ENTMAN, 1993).

O antagonismo ideológico dos veículos sustentará um dos objetivos específicos deste trabalho, que é verificar se há um espraiamento das concepções de mundo de *Veja* e *Carta Capital* na editoria de cultura. Em outras palavras, busca-se identificar se, nos espaços reservados à cultura, as temáticas e enquadramentos estão em consonância com a identidade editorial dos veículos.

Por fim, também serão levadas em consideração as marcas de autoria, ou seja, quem assina os textos de *Veja* e *Carta Capital*, com que frequência, quais temas são tratados, por quais autores, entre outros aspectos.

Bases teóricas

Para posicionar teoricamente o objeto empírico em questão, faz-se necessário avançar em duas grandes frentes: a primeira delas diz respeito ao jornalismo e, mais especificamente, ao jornalismo cultural. Este momento da pesquisa, que insere o campo cultural no jornalístico, utiliza-se de autores como Gadini (2009), Kellner (2001) e Ballerini (2015). A discussão em torno dos conceitos de jornalismo cultural é apresentada por autores como Anchieta (2009), Assis (2008) e Braga (2006).

O tópico dedicado a justificar a noção de alargamento da concepção de crítica conta com trabalhos de Golin (2009) e, principalmente, Schoenherr (2005). Por fim, é discutida a especificidade do jornalismo em revista, com contribuições de Scalzo (2003) e Azubel (2013).

O paradigma do *framing* é, em um primeiro momento, apresentado sob seu aspecto teórico, que embasará posteriormente a metodologia. A conceituação teórica sobre *framing* e suas aplicações metodológicas são apresentadas por autores como Entman (1993), Goffman (1974), Reese (2001) e Scheufele (2006). A noção de análise indireta de *framing*, base da metodologia utilizada neste trabalho, é apresentada por Vimieiro (2010).

Metodologia

Para alcançar os objetivos pretendidos, este trabalho utilizará a *frame analysis* em uma perspectiva indireta. Vimieiro (2010) diagnostica a lacuna metodológica presente em trabalhos que se utilizam do *framing*, pois estes, muitas vezes, não explicitam em que momento os quadros são revelados. Na análise indireta, os quadros não são definidos *a priori*; ao invés disso, buscam-se elementos do *frame*, como aqueles explicitados no tópico dos objetivos. A partir desta identificação, os elementos são agrupados pela semelhança que possuem entre si e a diferença que possuem em relação aos outros. Somente então os quadros se revelam. Desta forma, este caminho metodológico nos permitirá realizar um diagnóstico do jornalismo cultural praticado atualmente em revistas semanais generalistas, identificando pautas, perspectivas, angulações e marcas discursivas.

Resultados parciais

Tanto em *Veja* quanto em *Carta Capital*, a editoria de cultura ocupa de sete a oito páginas por edição. Os textos se dividem em subeditorias como *música*, *teatro*, *cinema* etc. Outra similaridade é a abertura da editoria com o texto de destaque, ou seja, aquele que ocupa maior número de páginas e pressupõe maior esforço jornalístico. Há, em média, quatro textos por edição, além de listas de mais vendidos (no caso de *Veja*) e notas com recomendações de produtos e eventos (em ambas). Tanto as listas quanto as notas foram excluídas do processo de análise. Embora haja o reconhecimento de que estes textos curtos, de pouca apuração, também contribuem para a definição da identidade destas editorias, optamos por reduzir a análise àqueles que possuem elementos que possam responder às questões formuladas metodologicamente, com base no trabalho de Entman (1993). A ausência de assinatura em muitos destes textos também contribuiu para esta escolha.

Apesar das similaridades das editorias em espaço físico e organização, as primeiras observações em relação ao material empírico indicam que *Veja* e *Carta Capital* materializam a cultura de maneiras distintas. Em relação à música e ao cinema, por exemplo, uma amostra de janeiro de 2018 demonstrou que *Veja* dedica maior atenção a produtos do *mainstream*, enquanto *Carta Capital* se dedica a produções independentes.

A cultura nacional se mostra mais presente em *Carta* do que em *Veja*. Em relação à coincidência de pautas, em janeiro de 2018 apenas uma se fez presente nas duas revistas,

apresentando angulações distintas. O acontecimento que originou estas pautas foi a exposição, no Brasil, de obras do artista plástico Jean-Michel Basquiat.

A título de ilustração, *Carta Capital* enquadra Basquiat como "o artista norte-americano que redefiniu as fronteiras entre arte africana, grafite e pichação", ou "o artista negro que exerceu influência na arte global dos 1980 em diante". Em *Veja*, o artista aparece como alguém cuja "obra muitas vezes exhibe uma feiura à beira do mau gosto". O caráter contestatório e de afirmação identitária é também questionado, pois, "de marginal, Basquiat só tinha a casca".

Este exemplo, quase caricatural do que se espera de *Veja* e *Carta Capital*, é apenas uma pequena amostra em relação ao recorte temporal escolhido. Contudo, traz indícios de discrepância entre os quadros construídos sobre cultura pelos veículos analisados. Para além do explícito, materializado no parágrafo acima, também se faz necessário observar os silenciamentos. A baixíssima coincidência de pautas entre *Veja* e *Carta Capital* traz indícios de que cada veículo possui seus próprios critérios de noticiabilidade, o que reflete diretamente em suas escolhas e valorações sobre o que é e como se manifesta a cultura.

Referências bibliográficas

ANCHIETA, Isabelle. Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. *In: Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências*. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo cultural brasileiro**: aspectos e tendências. *Rev. Estud. Comun.*, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008.

AZUBEL, Larissa. **Jornalismo de revista**: um olhar complexo. Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2012

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo Cultural no século 21**: A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.

BRAGA, José L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BROCANELLI, Rodney. Jornalismo musical. Crise à vista com a geração MP3. **Observatório da imprensa**. Disponível em: <https://coletiva.net/artigos/crise-a-vista-com-a-geracao-mp3,194491.jhtml>. Acesso em 05/09/2018.

ENTMAN, Robert. **Framing**: toward clarification of fractured paradigm. *Journal of Communication*, v 43, n 4, 1993.

FARO, J. S. **Jornalismo cultural**: informação e crítica, mais que entretenimento. *Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*, v. 4, p. 75-88, 2007.

GADINI, Sérgio L. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GOFMANN, Erving (1974). **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLIN, Cida. **Jornalismo cultural**: reflexão e prática. In: 7 propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHEUFELE, D. **Framing, agenda setting and priming**: the evolution of three media effects models. *Journal of Communication*, v. 57, p. 9–20, 2007.

SCHOENHERR, Rafael. **Disputas sociais na crítica musical jornalística**: o potencial polêmico da Folha de São Paulo. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2005.

VIMIEIRO, Ana Carolina Soares Costa. **Cultura pública e aprendizado social**: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008). Belo Horizonte, dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

Páginas em luta: Demandas por políticas públicas para mulheres na imprensa feminista brasileira entre os anos 1970 e 1980

Nome do aluno (a): Mariana Fraga da Fonseca

Orientador (a): Karina Janz Woitowicz

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo identificar, a partir das características intrínsecas aos veículos e das reportagens voltadas para a temática de políticas públicas, de que forma os jornais feministas *Nós Mulheres* (1976-1978), *Brasil Mulher* (1975-1979) e *Mulherio* (1981-1988) se apresentam enquanto produções de jornalismo alternativo. O objeto de análise empírica se concentra nas reportagens destes veículos voltadas para a temática de políticas públicas para mulheres, que se desdobram nas temáticas de trabalho, saúde, direitos civis e violência. Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa se utilizará pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo considerando a intenção de realizar uma análise profunda dos textos das reportagens selecionadas. Este trabalho se concentra em conceituações que envolvem o jornalismo alternativo e as questões de gênero.

Palavras-chave: jornalismo alternativo; imprensa feminista; história do jornalismo; jornalismo e gênero.

Durante o período de repressão que marcou a ditadura militar brasileira, instaurada de 1964 a 1985, emergiram diversas produções da imprensa nacional alternativa que se tornaram aliadas aos movimentos sociais que buscavam fomentar resistência ao regime. Como nos indica Raimundo Rodrigues Pereira (1986), essas produções surgiram não como meio de corrigir a imprensa considerada hegemônica, mas como uma forma de expressão da média e pequena burguesia, assim como dos trabalhadores, que “defendeu interesses nacionais e populares” (PEREIRA, 1986, p. 56).

Esta pesquisa volta seu olhar para a imprensa feminista alternativa brasileira no contexto das décadas de 1970 e 1980 com o intuito de compreender as mudanças das abordagens que envolvem a temática de políticas públicas para mulheres através de reportagens veiculadas pelos jornais *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Mulherio*, considerando os momentos históricos pelos quais essas produções alternativas passaram e o jornalismo enquanto ferramenta transformadora de seus contextos.

Com a intenção de reforçar a importância dessas publicações no âmbito social e jornalístico, este projeto de pesquisa parte da seguinte questão norteadora: Como os jornais feministas alternativos *Nós Mulheres*, *Brasil Mulher* e *Mulherio* atuaram no debate em torno de políticas públicas para mulheres a partir de um modo próprio de fazer jornalismo caracterizado como alternativo?

O objetivo geral deste trabalho se concentra em identificar de que forma os jornais feministas *Nós Mulheres*, *Brasil Mulher* e *Mulherio* se apresentam enquanto produções de jornalismo alternativo. Especificamente, procuramos: 1) compreender como os jornais tematizavam as mudanças de perspectiva da agenda feminista do período em questão; 2) comparar as abordagens de reportagens voltadas para a temática de políticas públicas para mulheres produzidas em cada veículo; e 3) identificar características singulares de fazer jornalismo realizado pela imprensa feminista sustentado na prática da luta política.

O referencial teórico desta pesquisa se embasa em três pilares fundamentais que se desdobram em segmentos mais específicos ao longo das reflexões que envolvem a dissertação em desenvolvimento: o papel do jornalismo na construção e na transformação da realidade social; jornalismo e gênero, as relações entre os campos acadêmico e as produções da imprensa feminista alternativa brasileira; e jornalismo alternativo, considerando a busca por uma conceituação pertinente a esta pesquisa e ao campo do jornalismo como um todo.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram escolhidos procedimentos metodológicos que amparassem os objetivos da forma mais completa possível. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo do material empírico se apresentaram como caminhos que nos permitem observar e analisar as reportagens de forma mais aprofundada e contextualizada.

A análise de conteúdo se apresenta como principal ferramenta do processo de compreensão dos textos das reportagens selecionadas. Considerada por Vala (2001) como uma técnica de tratamento da informação e não um método em si, ela permite que se realizem interferências sobre a fonte, a situação em que o material foi produzido, ou mesmo sobre receptores e destinatários da mensagem. Sua finalidade, segundo o autor, seria efetuar interferências “com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (VALA, 2001, p. 104).

No contexto deste trabalho o objeto empírico é composto apenas por reportagens. Esta decisão se deve a dois fatores: 1) estes textos apresentam características do âmbito do jornalismo e, portanto, podem ser analisados a partir destas; e 2) as publicações recebiam

contribuições externas, entretanto, sabe-se que as reportagens, em especial as de grande destaque, eram realizadas por pessoas que trabalhavam nas redações destes jornais, colaborando para a construção de uma unidade na perspectiva do sentido dos textos. Assim, cartas, tirinhas, artigos e editoriais, por exemplo, não se enquadram nos critérios de seleção do material empírico.

O processo de seleção dos textos originou, em um primeiro momento, três categorias referentes às pautas das reportagens: direitos trabalhistas, direitos civis e saúde da mulher. Estas temáticas apareceram de forma principal na maior parte dos textos e se relacionaram às questões de políticas públicas para as mulheres em maior e menor grau.

Na primeira categoria foram incluídas reportagens referentes às demandas do setor proletário, a luta por melhores condições de trabalho, direitos previstos em leis, e questões específicas para as trabalhadoras como a licença maternidade, o auxílio creche, etc. A categoria que agrupou demandas referentes a direitos civis perpassa exigências como maior participação política, a criação de leis que promovam equidade entre os gêneros, bem como a extinção de artigos que fomentem a desigualdade, dentre outras.

Já a terceira categoria, referente a pautas ligadas à temática de saúde feminina, engloba reportagens que abordaram temáticas discutidas ainda atualmente, como a luta pela descriminalização e pela legalização do aborto, direitos reprodutivos, as condições que os sistemas de saúde oferecem para tratamentos ginecológicos e obstétricos, assim como o direito à amamentação e o acesso a métodos contraceptivos.

Em um segundo momento, a partir da primeira catalogação realizada nas reportagens do *Mulherio*, a categoria violência contra a mulher foi adicionada ao quadro, contendo reportagens sobre casos de crimes reais cometidos contra mulheres, falhas na legislação que permitem o aumento de índices de violência de gênero e a reivindicação de sistemas de proteção para mulheres vítimas de agressão física e psicológica.

Como esta categoria foi adicionada à pesquisa apenas a partir da catalogação realizada no jornal *Mulherio*, até o presente momento esta mesma pauta não foi observada nos outros dois veículos. O retorno para verificação destas questões em edições do *Brasil Mulher* e do *Nós Mulheres* deverá ser realizado na continuidade desta pesquisa. Da mesma forma, a observação quanto à presença ou não das reportagens destes veículos produzidos nos anos 1970 em chamadas deve ser resgatada.

Até o presente momento foram analisadas as 20 edições do *Brasil Mulher*, as sete do *Nós Mulheres*, e 17 das 40 edições do *Mulherio*, todas em formato digital. Este processo resultou na seleção de 85 reportagens, sendo 23 pertencentes ao *Brasil Mulher*, 10 ao *Nós Mulheres* e 52 ao *Mulherio*.

Tabela 1. Quantidade de reportagens encontradas em cada publicação e classificação

Categoria	Brasil Mulher	Nós Mulheres	Mulherio
Saúde da mulher	9	4	18
Direitos civis	4	2	15
Direitos Trabalhistas	10	4	15
Violência contra a mulher	Não verificado até o momento	Não verificado até o momento	4

Fonte: A autora (2018).

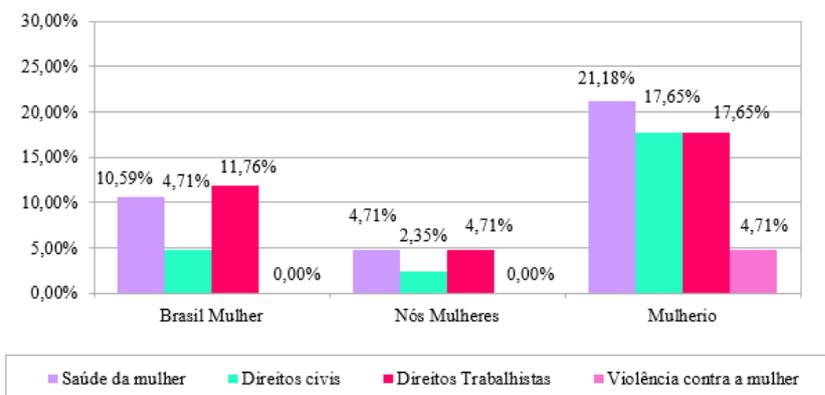
Voltando os olhares para as categorias elaboradas é possível observar as diferentes incidências em cada publicação das temáticas principais. No *Brasil Mulher* as pautas voltadas para direitos trabalhistas se apresentam como maioria, fato diretamente ligado à participação ativa que o jornal tinha na militância sindical e ao seu discurso marxista. Com a segunda maior incidência está a temática de saúde da mulher, envolvendo questões de acesso a serviços e direitos das trabalhadoras. Com menor frequência aparece a temática de direitos civis, menos ligada à questão trabalhista do que as categorias anteriores.

O *Nós Mulheres*, por outro lado, registra as categorias direitos trabalhistas e saúde da mulher com a mesma quantidade de incidências, o que não necessariamente significa mais equidade no tratamento de ambas as pautas ou menor importância da temática de direitos civis. Acompanhando a tendência dos debates de seu período, O *Mulherio* registra um número maior de matérias voltadas para as questões envolvendo saúde da mulher, enquanto direitos civis e direitos trabalhistas apresentam destaque igualitário e violência é a temática com menor incidência.

A valoração destas reportagens e sua representatividade nas publicações, entretanto, não deve ser suposta com base apenas em dados quantitativos. Há fatores mais influentes na determinação do maior ou menor protagonismo de cada temática que deverão ser elencados em momento posterior nesta pesquisa, após a análise de conteúdo feita sobre os textos.

Gráfico 1. Percentual de temáticas em cada um dos jornais

Incidência por categoria



Fonte: A autora (2018).

Embora o processo de análise das reportagens ainda não esteja em andamento é possível apontar algumas informações úteis para perceber tendências nos veículos. Para a contextualização das reportagens, na análise de conteúdo a ser realizada posteriormente, é interessante perceber as transformações das pautas de acordo com o passar dos anos nos quais os periódicos circularam. Pretende-se identificar aspectos próprios do jornalismo alternativo em um conjunto selecionado de reportagens que representem as categorias criadas e as pautas essenciais publicadas pelos três veículos. Dentre os aspectos a serem observados encontram-se:

- 1) Tipos de narrativa: estratégias de produção do discurso jornalístico utilizadas pelos veículos como descrições, relatos em primeira pessoa, testemunhos, discurso políticos, dados, entre outras.
- 2) Vozes representadas: fontes presentes nos textos – personagens mulheres reais, movimento de mulheres e movimentos sociais, representantes do poder público, empresas e instituições, especialistas, o próprio jornal, etc.
- 3) Orientação editorial: o enfoque predominante em cada veículo, seja informativo, de formação política, educativo, de denúncia, dentre outras.

De forma geral, este olhar inicial sobre as reportagens catalogadas até o momento, ainda que superficial, é suficiente para indicar características prévias quanto ao papel político e militante exercido por estes veículos e registrado através das reportagens produzidas por eles. As marcas que estas publicações deixaram em seu período de circulação, bem como sua função enquanto ferramentas de propagação de discursos democráticos ainda são importantes



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

referências para produções jornalísticas e devem ser utilizadas como meios para repensar funções e características do jornalismo contemporâneo.

Referências bibliográficas

PEREIRA, R. R. Viva a imprensa alternativa. Viva a imprensa alternativa!. In: FESTA, R.; SILVA, C. E. L. (Org.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. p. 53-79.

VALA, J. Análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos Silva; PINTO, José Madureira. **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2001. 11ª ed. Pp: 101-128.

Interface entre jornalismo e gênero: A cobertura dos portais de notícias A REDE e RSN sobre violência contra a mulher

Nome do aluno (a): Naiara Namma Perdigão Persegona

Orientador (a): Graziela Bianchi

Resumo

Este resumo expandido é uma síntese da dissertação - em andamento – das autoras. O tema da pesquisa é a análise da cobertura jornalística sobre violência contra a mulher em portais de notícias do interior do Paraná, no período de quatro meses: outubro, novembro e dezembro de 2017 e janeiro de 2018. Como objeto empírico, foram escolhidos os portais de notícias RSN, de Guarapuava e, A Rede, de Ponta Grossa. Nesse sentido, a temática está localizada na interface entre o campo do jornalismo e estudos de gênero.

Tema e problema

O problema de pesquisa é composto por duas questões, sendo que a segunda depende dos resultados da primeira. Para resolver o problema, primeiro precisaremos responder "Como o tema violência contra a mulher é representado nos portais de notícias RSN e A Rede?". Em seguida, partiremos para a segunda questão: "A partir das características dos portais e do referencial teórico de jornalismo e gênero: porque o jornalismo sobre violência contra a mulher é produzido dessa maneira?".

Objetivos

O objetivo geral é compreender o fazer jornalístico sobre violência contra a mulher nos portais de notícias do interior paranaense. Os objetivos específicos dentro desta ótica são: a) Identificar se os jornais contextualizam o tema violência contra a mulher, no sentido de elucidar as particularidades do fazer jornalístico de cada veículo; b) Apontar as características da cobertura dos portais, tais como: frequência com que o tema aparece, noticiabilidade, enquadramentos, fontes e construção textual, para entender como o assunto violência contra a mulher é abordado pelos portais; c) Analisar - a partir de entrevistas – a trajetória dos jornalistas e editores dos portais RSN e A Rede, para compreender as perspectivas individuais dos profissionais sobre a temática.

Bases teóricas

Esta pesquisa é embasada por estudos de jornalismo e de gênero. No tocante à parte de gênero trabalharemos os seguintes eixos: 1) a violência contra a mulher no Brasil e porque a consideramos um problema de gênero; 2) a perspectiva de gênero adotada na pesquisa; 3) a caracterização de gênero por relações simbólicas de poder e 4) o lugar do jornalismo no *continuum* entre as discussões de gênero e o tema violência contra a mulher. Em relação ao jornalismo, vamos entendê-lo como uma das atividades responsáveis pela construção social da realidade. Assim, para compreender as características da cobertura jornalística dos portais nos basearemos em conceitos de *newsmaking*, enquadramento e noticiabilidade.

O percurso teórico do trabalho foi construído com a intenção de demonstrar porque a violência contra a mulher é resultado de estruturas sociais de poder caracterizadas (entre outras coisas) pelo gênero. Justamente no terreno do domínio do simbólico, pela potencialidade que detém de inserir pautas na agenda pública, é que o jornalismo aparece como protagonista nesta reflexão. Portanto, os eixos buscam esclarecer, de maneira integrada, qual é o ponto de contato entre a violência contra a mulher, o gênero e o jornalismo.

O início de nossa proposta teórica de discussão requer a resposta para a seguinte pergunta: "Porque a violência contra a mulher é um problema de gênero?". Primeiramente, partimos do entendimento de que a violência contra a mulher não pode ser analisada de maneira isolada, porque intrínseco a ela estão questões sócio-histórico-culturais acumuladas ao longo dos anos. Para auxiliar-nos a situar a ordem desta problemática, recorreremos a Simone de Beauvoir (1970). O percurso teórico de Beauvoir alia conhecimentos de diversos campos para constatar que a condição atribuída à mulher como o "Outro" ou o "segundo sexo" não é algo natural do ser humano, tampouco imutável. A mulher foi definida como o Outro de um ponto de vista masculino, construído através de uma série de processos sociais e históricos.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado², julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (BEAUVOIR, 1970, p.179)

2

Sistema social baseado no controle dos machos sobre as fêmeas, em que estes ocupam uma posição central.

A naturalização do feminino como um ser frágil, dócil, terno e emocional, contrapõe a naturalização do masculino como um ser forte, viril e racional. Tais modelos sociais constituem os modos de ser e estar no mundo e, por sua vez, "engrossam" o caldo da cultura "no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres" (SAFFIOTI, 2002, p.133). Portanto, aqui está a resposta para a questão que levantamos: a violência contra a mulher é caracterizada por questões de gênero, porque ela está inerente às relações construídas entre o feminino e o masculino como resultado da assimetria da estruturação de gênero da sociedade. No entanto, é importante assinalar que, ao longo da história da humanidade, as mulheres têm oferecido resistência ao domínio masculino desde a sua implantação (SAFFIOTI, 2002, p.125-126).

Desse modo, a relação de gênero não é fixa. Há um espaço variável (de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural) para margem de baliza, para negociação dos papéis atribuídos. É justamente esse espaço de diálogo, capaz de abalar a ordem patriarcal vigente, que transforma a violência "em um modo fundamental de regulação das relações sociais entre os sexos. Ela regula, tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados, as formas de dominação dos homens sobre as mulheres" (WELZER-LANG apud SAFFIOTI, 1994, p.450).

Esclarecidos os pontos norteadores do primeiro eixo, partiremos para a perspectiva de gênero adotada. Optamos por um ângulo histórico-cultural do termo, ou seja, neste trabalho gênero não faz referência à sexualidade biológica que carrega em sua essência o binarismo masculino e feminino. Seguindo Scott, esta escolha se sustenta porque o significado do sentido do termo gênero não se esgota em si só, entendendo que "as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história" (SCOTT, 1995, p.71). Ao rejeitar o binarismo biológico, a nova utilização do termo gênero, tornou-se:

Uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1995, p.75)

Nos falta indicar onde o jornalismo se encaixa neste debate. Os jornais, assim como todas as instâncias da vida social, são espaços de disputas discursivas e de poder e, portanto, de construção simbólica de papéis sociais. Assim, atuando na esfera do simbólico, o jornalismo, enquanto uma das atividades com potencial de construir a realidade social opera, diariamente, tornando público assuntos que de outra maneira seriam ignorados por grande parte das pessoas.

Nesse sentido, a principal característica do jornalismo, que é o que o torna central nesta discussão, é a sua capacidade de dar visibilidade a temas, ou seja, eleger assuntos capazes de entrar na agenda pública e, assim, provocar o debate público. Para Tuchman (1983), os informadores ocupam uma posição privilegiada na sociedade como construtores da realidade, por ocuparem uma posição discursiva que permite a disseminação diária de leituras de mundo através de textos, imagens, sons.

Regras e recursos como o poder são distribuídos socialmente. O poder também é distribuído de forma desigual. Alguns atores sociais têm, assim, uma capacidade maior para criar, impor e reproduzir significados sociais, para construir a realidade social. Os informadores (jornalistas) são um grupo com mais poder do que a maioria para a construção da realidade social. (TUCHMAN, 1983, p.221-222)

O poder distribuído socialmente aos jornalistas, ressaltado por Tuchman, é também percebido por Alsina, que defende que os jornalistas têm um papel social legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante (RODRIGO ALSINA, 2009, p.47). Nessa linha, comungamos do entendimento de Tuchman de que a realidade é reconstruída diariamente através de um intenso movimento social, que abrange, entre outros fenômenos, o jornalismo e o público, de maneira a “constituir a sociedade como fenômeno social compartilhado” (TUCHMAN, 1983, p.197).

Metodologia

Para alcançar os objetivos de pesquisa, utilizaremos três procedimentos, que serão aplicados em diferentes momentos: o método Análise de Conteúdo, as técnicas de entrevista semiestruturada e a pesquisa bibliográfica.

O método Análise de Conteúdo proposto por Laurence Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise em que são aplicados procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Assim, tal método "permite a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 1977, p.47).²⁹ No caso de nossa pesquisa, objetivamos fazer inferências relativas às condições de produção da cobertura jornalística. Para tanto, seguiremos as três etapas estabelecidas por Bardin como referência para construção metodológica da pesquisa em AC: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Além do método AC, lançaremos mão de técnicas de entrevista semiestruturada, porque entendemos que apenas a análise das notícias não nos apresentaria um resultado satisfatório sobre o fazer jornalístico da RSN e da A Rede. Por isso, entrevistaremos os jornalistas e editores de cada veículo, com o objetivo de entender suas trajetórias profissionais e como estes sujeitos agem dentro da estrutura jornalística a respeito deste tema.

Após o levantamento das características da cobertura, partiremos para a segunda parte do nosso objetivo principal de pesquisa que é compreensão do fazer jornalístico de cada portal. Nesta etapa, utilizaremos como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica sobre jornalismo e gênero, além da análise das entrevistas (como abordado anteriormente).

Possíveis resultados

A partir de artigos produzidos com parte do material coletado para a dissertação e embasados teoricamente por leituras provenientes de estudos de jornalismo e de gênero, podemos apontar que, possivelmente, as principais características da cobertura jornalística sobre violência contra a mulher nos dois portais são: 1) a falta de contextualização sobre o tema e 2) a falta de produção jornalística sobre o assunto. Mais especificamente, os dados das coberturas têm evidenciado: 1) a gravidade das agressões como o principal valor-notícia; 2) a alta domesticidade dos casos violência contra a mulher em ambas as cidades; 3) as assinaturas “Da Redação” como predominantes, e também as redações majoritariamente masculinas; 4) matérias com tamanho entre três e quatro parágrafos e 5) a polícia como principal fonte e definidora primária sobre este assunto nos noticiários.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Violência de Gênero no Brasil Atual**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, no especial, 2o semestre de 1994, p.443-461.



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

_____. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Labrys, Estudos Feministas. Revista Eletrônica, n. 1-2, jul./dez. 2002.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad.** Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, 1983

Indicadores para a qualidade jornalística a partir da análise do observatório da imprensa: Uma contribuição para a crítica de mídia

Nome do aluno (a): Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

Orientador (a): Sérgio Gadini

Resumo

A pesquisa se propõe a estudar os textos publicados no Observatório da Imprensa com o objetivo de identificar os indicadores de qualidade jornalística. Apesar de um histórico trabalho de mais de duas décadas de atividade (1996 a 2018), ainda existem poucos estudos analíticos sobre as características editoriais do Observatório da Imprensa e particularidades das críticas de mídia publicadas no site. O percurso investigativo ajudará a compreender os principais elementos presentes nos textos, assim como, os valores discursivamente reforçados pelos colaboradores. Espera-se, a partir da seleção e análise dos materiais, encontrar pistas que possam ajudar na discussão sobre a qualidade jornalística.

Palavras-chave: Crítica de Mídia; Observatório da Imprensa; Qualidade Jornalística.

Tema: os indicadores de qualidade jornalística presentes no Observatório da Imprensa.

Problema

O Observatório da Imprensa abriga um extenso acervo de 22 anos de crítica de mídia no Brasil. Criado pelo jornalista Alberto Dines, o site abre espaço para a participação social. A problematização parte do reconhecimento de que há poucos estudos que evidenciem os parâmetros para se avaliar o trabalho jornalístico como um todo. A pesquisa visa produzir conhecimento a respeito do *Observatório da Imprensa* e dos textos que são publicados nele, com a intenção de identificar alguns elementos que sinalizem o que pode ser considerado jornalismo de qualidade.

Objetivo Geral

Apontar indicadores de qualidade jornalística nos textos publicados no Observatório da Imprensa.

Objetivos Específicos

Identificar quais textos possuem a característica de crítica de mídia noticiosa em relação ao número total de publicações; abordar os elementos que contribuem para a formação indenitária dos profissionais do campo; trazer reflexões sobre os valores compartilhados pelos jornalistas que possam contribuir para a discussão sobre jornalismo de qualidade.

Bases teóricas

O jornalismo está estruturado em torno de uma produção discursiva específica que se distingue dos outros tipos de discursos com os quais convive socialmente. No entanto, não só pela linguagem, técnica e articulações específicas age o jornalismo, mas fundamentalmente por padrões de credibilidade historicamente legitimados. É necessário reconhecer o papel social atribuído à função, visto que a imprensa é, em geral, definida como a importante instituição para o regime democrático – com a responsabilidade de fiscalizar, informar o cidadão, denunciar e levantar debates relevantes à sociedade.

Nesse sentido, as discussões a respeito dos *media*, em especial sobre o jornalismo, continuam a ser centrais para as condições de existência da democracia. No entanto, as pesquisas relacionadas à qualidade jornalística ainda são incipientes e há grandes dificuldades em se estabelecer parâmetros e critérios claros para alcançá-la. A partir da dissertação, pretende-se avançar nesta questão.

Henriques (2009) acredita que o jornalismo possui regras de codificação próprias que estabelecem uma espécie de ‘gramática particular’, responsável pela forma com que os profissionais olham, se relacionam com a realidade e a reportam. Deste modo, é possível afirmar que existe uma “série de valores que servem como norte para quem se ocupa de

‘traduzir’ tudo aquilo que acontece” (HENRIQUES, 2009, p.1). O trabalho jornalístico seria realizado a partir de valores e de uma linguagem própria e comum, partilhada por todos que pertencem ao campo.

Contudo, é importante ressaltar que, ao contrário das fórmulas rígidas e exatas, os elementos centrais da linguagem jornalística são, em certa medida, flexíveis. Nesse sentido, “a dificuldade em se estabelecer uma ‘gramática’ do jornalismo se deve, em grande parte, à generalidade das regras existentes” (HENRIQUES, 2009, p.1).

É importante ressaltar que não existe um único jornalismo, mas como reforça o autor, existem jornalismo no plural, ou seja, há diversas manifestações da mesma prática. Entretanto, apesar das diferenças, a atividade possui uma série de princípios norteadores e certas regras de codificação próprias que fazem com que todas as manifestações da profissão comunguem dos mesmos valores. “[...] antes de haver a separação entre jornalismo alternativo e jornalismo comercial, por exemplo, se dá um fenômeno de unidade: há o jornalismo. Existem, entre todas as vertentes, tantos pontos em comum que é possível chama-las pelo mesmo nome” (Henriques, 2014, p. 58).

Os elementos comuns é que fazem alguns assuntos serem objeto de atenção dos jornalistas em detrimento de outros e que influenciam na forma como os temas serão tratados. “Mais do que estabelecer um padrão para os conteúdos, os valores partilhados pelo campo e os procedimentos da atividade acabam por definir também a maneira mais “correta” de se reportar os acontecimentos” (HENRIQUES, 2009, p.2). Os valores e princípios servem de base e referencial em todas as etapas e procedimentos do fazer jornalístico.

Os códigos deontológicos, em geral, sustentam o aspecto virtuoso da atividade e reforçam que o jornalista deve exercer a profissão a partir de princípios altruístas. Nessa lógica, o público seria priorizado em detrimento dos interesses particulares dos profissionais e da lógica do mercado. O ideal do jornalismo como uma profissão que presta um serviço público é um dos mais legitimados dentro do campo e, em geral, aparece no discurso identitário desses profissionais, afirma Traquina (2003).

Porém, devido às dificuldades enfrentadas pelos jornalistas no dia a dia da profissão, seja pelo fator tempo, pressão organizacional, precarização do trabalho, dentre outros, muitas vezes ocorrem diferenças entre os valores defendidos na teoria, que prescrevem o que é necessário para se garantir a qualidade no jornalismo, e a atividade prática. Dessa forma, os

dispositivos de crítica de mídia exerceriam a função de fiscalizadores do trabalho jornalístico com o objetivo de garantir esta qualidade.

Damas e Christofolletti (2006) afirmam que os observatórios de mídia funcionam como instrumentos sociais de exercício da crítica e de monitoramento do trabalho dos jornalistas e dos produtos jornalísticos e trazem à tona também questões que chamam a atenção do público para uma leitura menos ingênua dos meios de comunicação, suscitando debates, comparações e observações mais apuradas.

Partindo desta lógica e por reconhecer o histórico trabalho de mais de duas décadas (1996 a 2018) do Observatório de imprensa, a pesquisa tem como objetivo produzir conhecimento a respeito deste dispositivo, dos textos que são publicados nele e dos valores discursivamente reforçados pelos colaboradores, com vistas a identificar alguns elementos que sinalizem o que pode ser considerado jornalismo de qualidade.

Segundo a descrição que consta no próprio site, o Observatório da Imprensa é uma “entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária que pretende acompanhar, junto com outras organizações da sociedade civil, o desempenho da mídia brasileira” (OBSERVATÓRIO, 2010). O foco do veículo é o monitoramento da imprensa a partir da participação das pessoas que podem produzir e enviar textos para a publicação no ambiente online.

O Observatório da Imprensa funcionará como um fórum permanente onde os usuários da mídia – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas –, organizados em associações desvinculadas do estabelecimento jornalístico, poderão manifestar-se e participar ativamente num processo no qual, até há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2017).

A apresentação institucional na página eletrônica revela também o porquê da sua criação: “A cidadania foi convertida num conjunto de consumidores, ficticiamente vocalizados por pesquisas de opinião pública que empregam metodologia quantitativa, necessariamente redutora, e com pautas alheias aos reais interesses e necessidades dos opinadores” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2017). O objetivo principal, conforme as informações contidas no site, é aumentar a participação dos atores sociais.

A Sociedade Civil deve abranger sucessivos níveis de monitoração e atuação, de forma a diminuir a distância entre os poderes e a cidadania, convertendo-se ela própria numa

instância. No caso dos meios de comunicação de massa, o Observatório da Imprensa propõe-se a funcionar como um atento mediador entre a mídia e os mediados, preenchendo o nosso “espaço social”, até agora praticamente vazio. Embora pioneiro, este Observatório não pretende ser único. As suas atividades servem como convocação para outros grupos fazerem o mesmo (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2017).

O Observatório da Imprensa abre espaço para a participação dos colaboradores que, habitualmente, os veículos de comunicação de massa tradicionais não oferecem à população em geral. Esse ambiente destinado à crítica de mídia é relevante por permitir uma discussão ampla e aberta a respeito do jornalismo e seus diversos temas, como: a importância de uma imprensa responsável, o direito à informação, os erros e acertos do jornalismo e em especial, a qualidade profissional, foco da pesquisa.

Resumo geral

Ao longo da pesquisa, pretende-se abordar os seguintes tópicos, a partir da contribuição dos autores identificados: a história do jornalismo no Brasil (Richard Romancini, 2007); a responsabilidade social da mídia (Fernando de Oliveira Paulino, 2010), (Victor Gentilli, 2008), (Claude-Jean Bertrand, 2002); a formação indenitária dos jornalistas e os valores ideais reforçados pelos profissionais do campo (Nelson Traquina, 2003), (Mark Deuze, 2005), (Josenildo Guerra, 2010), (Rafael Paes Henriques, 2009); qualidade jornalística (Rogério Christofolletti, 2010), (Luiz Gonzaga Motta, 2008), (Danilo Rotberg, 2010), (Wania Bittercout, 2015); a evolução histórica da crítica de mídia (Luiz Egypto e Mauro Malin, 2008), (Caio Túlio Costa, 2006), (Ângela da Costa Cruz Loures, 2008), (Wania Bittercout, 2015); o nascimento do Observatório da Imprensa e as principais características do site (Afonso de Albuquerque, João Damasceno Martins Ladeira e João Damasceno Martins Silva, 2002); e a contribuição do jornalista Alberto Dines para a consolidação da crítica de mídia no Brasil (Lidiane Diniz, 2010), (Luiz Egypto e Mauro Malin, 2008).

Metodologia

Para a pesquisa adotam-se vários procedimentos de pesquisa (direta e indireta) que envolvem a revisão bibliográfica, observação direta e análise de conteúdo - a partir de categorias que permitam visualizar os indicadores de qualidade jornalística presentes nas críticas. A amostra para análise leva em conta fatores como o período de normalidade no envio de textos pelos colaboradores. O recorte temporal analisará os textos que foram publicados nos meses de março a novembro de 2017, excluindo-se os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, quando ocorre uma diminuição na participação.

Possíveis resultados

A análise dos outros meses, assim como o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, permitirá identificar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado. A pesquisa ajudará a evidenciar os principais valores reforçados pelos jornalistas nas críticas de mídia noticiosa escritas para o Observatório da Imprensa e os principais temas correlatos. O objetivo é avançar nas discussões sobre qualidade jornalística a partir da identificação das seguintes informações: foco e motivo da crítica, formato, estrutura e tamanho do texto, valores jornalísticos presentes ou que perpassam o texto, eixos conceituais norteadores da crítica jornalística e principais temas abordados.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Afonso de; LADEIRA, João Damasceno Martins; SILVA, Marco Antonio Roxo da. Media criticism no Brasil: o Observatório da Imprensa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 166-189, jul./dez. 2002.

BERTRAND, Claude-Jean. **O arsenal da democracia**: sistemas de responsabilização da mídia. Bauru: Edusc, 2002.

BITTENCOURT, Wania. **Critérios de crítica de mídia noticiosa**: uma investigação a partir da polêmica do livro didático. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BITTENCOURT, Wania. Critérios técnicos de crítica de mídia noticiosa. **Cultura Midiática**, v. 9, n. 17, p. 70-85, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/cm>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BITTENCOURT, Wania; SILVA Gislene. Apontamentos históricos sobre crítica de mídia noticiosa. **Novos Olhares**, v. 4, n. 2, p. 6-18, jan./dez..2015.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Indicadores da Qualidade no Jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. **Indicadores da Qualidade da Informação Jornalística**, Brasília, n. 3, nov. 2010. (SÉRIE: Debates CI).

CERQUEIRA, L. Augusto Egypto de. Qualidade jornalística: ensaio para uma matriz de indicadores. **Indicadores da Qualidade da Informação Jornalística**, Brasília, n. 6, nov. 2010. (SÉRIE: Debates CI).

DAMAS, H. S.; CRISTOFOLETTI, R. Um perfil dos observatórios de meios na América Latina. **UNirevista**, vol. 1, nº 3: junho 2006. Disponível em: <http://www.academia.edu/27663473/M%C3%ADdia_e_democracia_um_perfil_dos_observat%C3%B3rios_de_meios_na_Am%C3%A9rica_Latina>. Acesso em: 05 nov. 2017.

DEUZE, Mark. What is journalism?: Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, Londres, v. 6, n. 4, p. 442-464, nov. 2005.

DINIZ, Lidiane. Alberto Dines: polêmico iniciador da crítica de mídia no Brasil. **Revista Bibliocom**, São Paulo, a. 3, n. 1, p. 64-77, jan./abr. 2010.

EGYPTO, Luiz; MALIN, Mauro. Um observatório, mais observatórios. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008. cap. 9. p. 173-183

GENTILLI, Victor. O futuro do jornalismo: democracia, conhecimento e esclarecimento. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008. cap. 10. p. 185-195.

GUERRA, Josenildo Luiz. Sistema de gestão da qualidade aplicado ao jornalismo: uma abordagem inicial. In: **Indicadores da Qualidade da Informação Jornalística**. Brasília, n. 5, nov. 2010. (SÉRIE: Debates CI).

GUERRA, Josenildo. Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: Pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: Labcom Books, 2010. p. 69-94.

HENRIQUES, Rafael Paes. O lugar de onde se fala: o jornalismo e seus princípios fundamentais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. **Artigo...** Curitiba: Intercom, 2009.

HENRIQUES, Rafael Paes. **Linguagem, verdade e onhecimento**. Vitória: Edufes, 2014. 136 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Crítica da mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008. cap. 1. p. 19-37

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em:
<<http://www.observatoriodaimpresa.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2017.

PAULINO, Fernando de Oliveira. Responsabilidade Social da Mídia: análise conceitual e perspectivas de aplicação no Brasil, em Portugal e na Espanha. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã: Labcom Books, 2010. p. 35-52.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. 276 p.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

As mídias sociais no ambiente de rotinas produtivas: um estudo sobre a notícia nas redes sociais do jornal GaúchaZH

Nome do aluno (a): Vinícius José Biazotti Sabino

Orientador (a): Marcelo Engel Bronosky

Resumo

O trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica de seleção noticiosa nas mídias sociais das rotinas produtivas do jornal gaúcho Zero Hora (GaúchaZH) que possui atividade de publicações diárias em três redes *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Parte-se da compreensão que vivemos em uma sociedade midiaticizada, onde as pessoas estão cada vez mais conectadas a dispositivos interacionais, como nos ambientes redes sociais on-line. Esse processo pode ser aproximado do contexto de jornalismo convergente, em que se concentra um modelo de construção jornalística que altera as lógicas de produção, circulação e consumo de notícias. A partir de uma abordagem etnográfica procura-se observar os profissionais responsáveis pelo manuseio e trabalho entre essas plataformas com finalidade de encontrar respostas de como e o porquê a seleção noticiosa ocorre no cotidiano da produção jornalística.

Palavras-Chave: Mídias sociais; Rotinas produtivas; Seleção noticiosa.

Esse presente trabalho tem como objetivo apresentar proposta de dissertação que visa compreender os critérios de seleção noticiosa nas mídias sociais pelo jornal Zero Hora (GaúchaZH). A partir de uma abordagem etnográfica pretende-se entender como essa prática, resultado de rotina produtiva jornalística, se manifesta na redação. As mídias sociais ofereceram uma oportunidade para as empresas jornalísticas alavancarem suas marcas. Os jornais têm um espaço para hospedar os seus serviços e notícias. Esse procedimento trouxe mudanças significativas para o jornalismo que segundo Cool (2017) transformou a maneira que as notícias são distribuídas e também nas estruturas da informação jornalística. O poder de propagação de conteúdo das mídias sociais fez com que muitos jornais, revistas, rádios e emissoras de TV perdessem o controle da distribuição.

Para compreender esse processo partimos da teoria da sociedade em vias de midiaticização que defende que nas últimas décadas a sociedade tem passado por diversas

transformações de múltiplas naturezas, entre elas, as tecnológicas que alteram os modos de sociabilidade. Estamos inseridos em um ambiente onde os seus membros têm aderido aos produtos de convergência tecnológica. Cenário em que os usuários adquirem, acessam e experimentam equipamentos digitais móveis, on-line e interativos como forma de operarem sentido sobre si e sobre os outros, numa dimensão nunca antes vista na história da humanidade. Essa realidade social tem sido identificada por alguns pela forte midiática, formando o conceito de uma sociedade midiaticizada. (FAUSTO NETO, 2010)

Como para Ferreira (2010) a midiática pode ser explicada pela inserção dos dispositivos midiáticos. Segundo o autor, os dispositivos são formados por uma tríade: uma tecnologia, um sistema de relações sociais e um sistema de representações. Esses três universos interagem entre si, formando uma cadeia de midiática: “Por dispositivos midiáticos, entendemos incidências dos processos sociais e nos processos dos acoplamentos, defasagens, interpenetrações, entre processos de interação, de linguagem, de técnica e de tecnologia”. (FERREIRA, 2010, p. 67)

Trazemos o trabalho para uma discussão acerca dos modos de produção jornalística que é o foco deste trabalho. Já que, como impacto, as tecnologias também atingiram os modos de produção de empresas, agências e organizações, inclusive jornalísticas, onde novos modelos que transformaram os moldes tradicionais implantados no início do século XX que estão moldadas em suas rotinas produtivas (TUCHMAN, 1978).

Entender o processo de mudanças e adaptações do jornalismo para as plataformas on-line, nos remete a debater também sobre o acentuado processo de convergência. Ao definir o termo convergência, Salaverria (2010) entende que os meios de comunicação atravessam por um momento crítico, pois as estruturas que antigamente moldavam o modo de se fazer jornalismo no século XX estão cedendo cada vez mais espaço para novos hábitos e demandas informativas que surgiram no século XXI. E em grande parte, a tecnologia tem sido a percussora dessas grandes mudanças.

O autor entende que o atual processo de convergência está sendo liderado pelas grandes companhias de telecomunicações e os produtores de aplicativos digitais. Essas empresas são os marcos tecnológicos que fizeram com que toda a estrutura dos meios de comunicação se acomodasse a essas plataformas. Como efeito desse processo de digitalização, os jornais se

sentem pressionados a estarem presentes nesse novo processo de recepção que se configura com múltiplos canais e suportes. Por isso, a convergência tornou-se uma grande necessidade observada em diferentes ambientes de redação, onde empresas jornalísticas absorveram os novos processos de distribuição de suportes digitais nas suas atividades editoriais. Em definição, a convergência jornalística pode ser entendida como um processo de múltiplas dimensões que foi facilitado pela implementação massiva das tecnologias digitais que afetou os âmbitos tecnológicos, empresariais, profissionais e editoriais dos meios de comunicação. (BENTO SOUZA, 2013)

A convergência também impacta na circulação de conteúdo jornalístico, uma das discussões desse trabalho entende que, segundo Fausto Neto (2010), os novos modelos midiáticos regidos pelas tecnologias formam uma nova arquitetura comunicacional midiática. Configura-se um espaço de novas relações entre os receptores e os produtores de mensagens que caracterizaram mudanças significativas no que se entende por circulação. Com o crescente processo de midiaticização na sociedade, a circulação tornou-se muito mais complexa. Segundo Braga (2012), anteriormente aos dispositivos tecnológicos, a circulação era vista como passagem de algo de emissor a receptor, onde havia um ponto de chegada e partida. Porém, hoje os receptores tornaram-se ativos. Sendo assim, a circulação é compreendida como espaço de reconhecimento e de desvios ocasionados pela apropriação.

Para complementar a base teórica do trabalho, estudamos o processo de *gatekeeping*, que segundo Shoemaker (2009), trata-se justamente de uma dinâmica de seleção e transformação de pequenos pedaços de informação em uma quantidade limitada que chega as pessoas diariamente. Quando um jornalista seleciona um conteúdo a ser abordado pela mídia, como consequência, determina o que será transformado em realidade social para determinado consumidor de notícias. “O processo de *gatekeeping* determina o modo como definimos nossas vidas e o mundo ao nosso redor; consequentemente, o *gatekeeping* afeta a realidade social de todas as pessoas.” (SHOEMAKER, 2009). Sendo assim, o papel do *gatekeeper* tem como efeito alterar as atitudes e opiniões da audiência, já que ele estará selecionando o fato que deve ser debatido em determinado círculo social.

Na metodologia, entendemos que a inserção na sala de redação é necessária, pois irá colaborar na observação da prática profissional jornalística em relação às mídias sociais. A

pesquisa de campo se complementar com as entrevistas que deverão ser realizadas com os jornalistas que a empresa possui. Em prioridade, estão os profissionais que realizam o manuseio dessas plataformas, visto que essa atividade está ativamente explícita nas próprias postagens que a Gaúcha realiza. Na teoria, a metodologia seleciona autores como Mainardes (2010), Lago (2007), Amaral (2010), Thiollent (1981) e Gaskell (2002).

Referências bibliográficas

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818>. Acesso em: 20. Dez. 2017.

ANDERSON, C. W. (et al.) **Jornalismo Pós-Industrial: Adaptação aos novos tempos**. In: **Revista de Jornalismo ESPM**. 5 edição. 2013. Disponível em: <http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf> Acesso: Jan. 2018.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In: CANAVILHAS, João. **Notícias em mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Livros Labcom. Corvilhã, Portugal. 2013.

BAUER, Martin; Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 2002.

BENTO SOUZA, Jorge. **Convergência Jornalística: O caso das reportagens Visão Portugal**. Dissertação de Mestrado Universidade Beira Interior. 2013.

BRAGA, José Luis. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATTOS, Maria. Et al. **Mediação e Midiatização. Conexões Epistemológicas**. Compós. UFBA. 2012.

COOL, Steve. Entrevista concedida a Revista de Jornalismo ESPM. **Revista de Jornalismo ESPM**. Vol 20. N 6. Dez .2017.

FAUSTO NETO, Antônio. **O Jornalismo e os limites da representação**. **Caleidoscópio**: Revista de Comunicação e Cultura, n. 5/6, jul. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2240>>. Acesso em: Fev. 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação... **Revista Alceu**. V 10. Nº20. p. 55 a 69. Jun 2010. Disponível em: < http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf> Acesso em: Fev. 2018.

FERREIRA, Jaíro. Dos objetos separados a circulação midiática como questão comunicacional. In: **Midiatização e processos sociais**. Unisinos.

RECUERO, Raquel.; BASTOS, M.; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Editora Sulina. Porto Alegre. 2015.

RICHARDSON, Roberto. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Editora Atlas. São Paulo. 2008.

RODRIGUES, Antônio. Prefácio. In: MATTOS, Maria. Et al. **Mediação e Midiatização. Conexões Epistemológicas**. Compós. UFBA. 2012.

SALAVERRÍA, Ramón. NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado. Convergencia de médios y reorganización de redacciones**. Sol90Media. Barcelona. 2008.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim P (2009). **Teoria do Gatekeeping**- seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso. 2011. P. 11-47; 157-188.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro. Vozes. 2002.

THIOLLENT, Michel. **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. Livraria e Editora Polis Ltda. São Paulo. 1981.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística- uma comunidade interpretativa transnacional. Volume 2. Editora Insular. Florianópolis. 2005

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, 1983. p. 196-232.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Editora Presença. 5ª edição. Lisboa. 1999.

A Migração do Rádio AM para o FM em Ponta Grossa

Nome do aluno (a): Alex Freire

Orientador(a): Hebe Gonçalves

Resumo

A Pesquisa procura demonstrar os aspectos técnicos, culturais e mercadológicos do processo de migração do Rádio AM para o Rádio FM no município de Ponta Grossa. Das cinco emissoras locais em AM, todas já conseguiram completar esse processo e já atuam em Frequência Modulada. Ponta Grossa é a única cidade de meio a grande porte que realizou o processo em todas as emissoras aptas.

Palavra-chave: rádio; migração; Am Fm; convergência; Ponta Grossa

Introdução

O trabalho verifica quais as características técnicas como o por que da não digitalização, a posição jurídica do estado, troca de equipamentos, nova concessão, pertencimento á rede de rádio entre outros. Nas características culturais analisa a mudança de hábito dos ouvintes e modificações na programação. Também será verificado os aspectos econômicos da migração. Sendo um tema recente, será realizada a contextualização do Rádio no Mundo, no Brasil, no Paraná e em Ponta Grossa.

No que diz respeito ao processo da migração serão utilizados documentos de sites de órgãos oficiais da esfera Federal, como Ministério das Comunicações, Senado Federal, e Anatel. Segundo Sartor (2016), a migração das rádios AM para FM partiu de um pedido das próprias emissoras AM alegando má qualidade no sinal. Atendendo ao pedido, a ex-presidente da República Dilma Rousseff assinou no dia 7 de novembro de 2013 o Decreto nº 8.139, o qual prevê a extinção das emissoras em ondas médias para a frequência modulada. Mas para isso as emissoras terão que arcar com os custos das outorgas e das mudanças de equipamentos, o que dificultaria o limite de prazo para realizar a mudança, trazendo uma expectativa muito importante ao meio, que espera recuperar a audiência.

Os celulares e smartphones também impactaram negativamente o rádio AM, isto por que os aparelhos com rádio integrado permitem sintonizar apenas o FM. A personalização modificou também o hábito de escuta nos automóveis. Com as playlists pessoais a programação musical ficou ainda rara nas AM, restando restrita à poucos programas populares ligados à cultura local. (SARTOR apud BETTI, 2016, p. 12)

Teoria e Metodologia

Betti (2015) destaca que, de acordo com o Ministério das Comunicações, a migração não é obrigatória principalmente para as emissoras regionais e nacionais. Agora, com a migração, o rádio AM está contando os dias para adquirir seu novo modelo de transmissão e garantir uma programação de melhor qualidade sonora e com a possibilidade de novas plataformas que vão auxiliar no conteúdo. Muito se discute sobre qual modelo a ser dotado para que as rádios em transição possam escolher para que a transmissão não fique comprometida.

O rádio brasileiro está passando por um período de transição com a indefinição do padrão digital a ser adotado e a migração das emissoras OM para a faixa FM., No entanto, o atual cenário não fornece indícios de que estas transformações irão resultar na diversificação das vozes ou na ampliação da participação popular na nova configuração do dial, ao menos no que se refere às emissoras comerciais. (SARTOR apud BETTI, 2016, p. 21)

Ainda de acordo com o autor (BETTI, 2005), a qualidade no sinal é um dos pontos positivos que as emissoras vão passar a ter para conquistar o ouvinte. O IBOC (In Band On Channel, que significa na mesma faixa e no mesmo canal) pode ser usado tanto pelo AM quanto no FM, permite a abertura de até três canais utilizando o mesmo sinal e pode ser o mais indicado principalmente no início quando, a transmissão será simultânea em analógico e digital. Outras mudanças acrescentadas serão as faixas utilizadas pelas emissoras migrantes, pois não há espaço suficiente nos aparelhos existentes, principalmente nos radinhos de pilhas e nos rádios de carros.

Eles possuem na faixa o dial que vai dos 87.9 MHz a 107.9 MHz. Dentro do novo modelo aparelhos como smartphones e tablets poderão, através de aplicativos, serem sintonizadas emissoras preferidas dentro da faixa estendida.

Segundo a ACAERT³, isso acontece porque o dial FM convencional, que opera entre 87.7 MHz e 107.9 FM, em caso de migração, não suportaria o número de estações AMs. A faixa estendida, no entanto, irá operar entre 76.1 MHz e 87.5 MHz. Porém, um dos problemas é a falta da faixa nos receptores atuais e o outro seria a demora na liberação dos canais. Por outro lado, uma vantagem seria a já citada ampliação no número de estações disponíveis, além da compatibilidade com os receptores utilizados nos aparelhos celulares, facilitando o acesso.

O presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Paulo Tonet, declarou em entrevista⁴ recente que há um trabalho da instituição junto ao ministério das comunicações para viabilizar essa mudança para o maior número de emissoras possível. Contudo, muitas emissoras ainda têm dificuldades quanto aos valores de outorgas e equipamentos que serão investidos para poderem migrar.

No Paraná, de acordo com a ABERT, entre cidades de médio e grande porte, apenas Ponta Grossa conseguiu a liberação para a migração das emissoras AM. Em Ponta Grossa, das cinco AMs (Rádio Santana, Rádio Central, Rádio CBN, Rádio Difusora e Rádio Clube, todas já efetuaram a migração.

Metodologia

Com base na literatura sobre o tema, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os representantes das emissoras migrantes de Ponta Grossa. São considerados representantes, donos, gerentes, diretores das rádios.

Num primeiro contato, já realizado, nota-se uma preocupação com o resgate da importância de algumas emissoras (Rádios Santana e Clube).

No caso da Rádio CBN, a busca é pela consolidação de uma emissora All News na cidade.

A Rádio Central optou pelo ingresso em uma rede estadual se transformando em Massa Fm.

Já a Rádio Difusora aposta na mudança de programação com um jornalismo local.

Também a Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná, AERP, servirá como base na pesquisa. Será um trabalho de caráter exploratório, com levantamento bibliográfico, procurando entender as transformações sofridas pelo seguimento no cenário atual da migração.

Com essa pesquisa busca-se uma contribuição para a literatura sobre a regionalidade da comunicação radiofônica, oportunidade para a sociedade ter acesso à historiografia do rádio.

Possíveis Resultados

Analisar se a decisão de migração em detrimento a digitalização foi acertada dentro das características do rádio brasileiro.

Observar as mudanças no fazer radiofônico, como será a ação do jornalismo nesse meio, sendo um produto pertencente ou apenas inserido em pequenas inserções na programação.

A imagem com suas respectivas características evidencia o que foi apurado através de uma pesquisa com proprietários, gerentes e diretores das emissoras de Ponta Grossa que já efetuaram a migração. A pesquisa envolveu as cinco migrantes: Rádio CBN, Rádio Difusora, Rádio Central (Massa), Rádio Santana e Rádio Clube.

Sobre como o AM dificultava a transmissão, resposta que mais apareceu foi com relação ao sinal de qualidade baixa e com interferências externas. Pois de acordo com os responsáveis pelas emissoras aparelhos elétricos eletrônicos exercem forte interferência no sinal.

Uma outra situação verificada foi a do resgate da importância de algumas emissoras no caso as Rádios Santana e Clube. De acordo com os responsáveis existe a tentativa de alcançar o status que tinham no passado de poderosas rádios. E a expectativa é que com o sinal melhorado isso volte a acontecer.

No caso da Rádio CBN, a busca é pela consolidação de uma emissora All News na cidade. Existe a expectativa de que uma rádio com notícias o dia todo, a audiência e por consequência o faturamento aumentem.

A Rádio Central optou pelo ingresso em uma rede estadual se transformando em Massa FM acreditando no aumento da audiência e faturamento sem muitos gastos.

Já a Rádio Difusora aposta na mudança de programação com um jornalismo local.

As cinco emissoras de Ponta Grossa depositam também sua confiança na convergência, utilizando as plataformas digitais para transmitirem suas programações. Pelo menos no Facebook, todas tem suas páginas e streaming.

Referências bibliográficas

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br>. Acesso em: 18 de julho 2018

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005. v. 1. p. 35-45.

CÓDIGO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES (Lei nº 4.177 de 1962). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L4117Compilada.htm>. Acesso em: 18 de julho 2018

DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas.** Brasília: UERJ, 1999.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

SARTOR, Douglas de Freitas. **O novo processo de transformação do rádio: a migração do AM em Criciúma.** Disponível em http://site.satc.edu.br/admin/arquivos/30070/Douglas_Sartor.pdf. Acesso em 20 de julho de 2018.

Gênero & Sexualidade pela prática jornalística independente em convergência no Brasil

Nome do aluno (a): André Luiz Lucas da Luz

Orientador (a): Graziela Soares Bianchi

Resumo

O cenário de convergência midiática colabora para a construção de diferentes olhares por parte de jornalistas, assim como de grupos minoritários, como é o caso da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais, *Queer* e outras manifestações de gênero e sexualidade (*LGBTIQ+*). Trata-se da sociedade em rede, que possui lógicas comunicacionais mais democráticas em vista aos modelos tradicionais estabelecidos. Nesse sentido, por mais que haja resistências hegemônicas, práticas de jornalismo independente podem colaborar, junto da comunidade, na produção de sínteses sociais mais justas, que respeitem os direitos humanos, reconheçam a diversidade e promovam referências positivas. Com essa perspectiva, o presente artigo busca sintetizar algumas das intenções e hipóteses da pesquisa de dissertação, aprofundada em 2019, que envolverá o debate sobre gênero e sexualidade pela prática jornalística independente.

Palavras-chave: *LGBTIQ+*; jornalismo independente; mídias digitais.

Tema e problema

Compreende-se que o grupo de *LGBTIQ+*, ainda marginalizado socialmente, faz parte de índices de homotransfobia e registra número de assassinatos e suicídios mais altos em escala global, no Brasil. O que revela o papel determinante da mídia na construção de referências e informação ao grupo. Pela falta ou pouca representatividade por parte das corporações de mídia, jornalistas podem desenvolver mídias independentes e/ou alternativas para atender um público mais específico. Movimento impulsionado por mídias digitais, que colaboram na construção de narrativas com óticas alternativas quando encontra possibilidades para a distribuição de conteúdo aliada com a interatividade em rede e canais de colaboração. A hipótese que norteia a pesquisa é que a mídia tradicional não oferece(u) suportes necessários para comunidade *LGBTIQ+*, que agora pode encontrar outras referências pelo jornalismo independente em mídias digitais. Dessa forma, pergunta-se: como o jornalismo independente praticado em mídias digitais pode colaborar na representatividade, reconhecimento e empoderamento da comunidade *LGBTIQ+*, no Brasil?

Objetivos

- 1) O objetivo geral é investigar as representações da comunidade de *LGBTIQ+* por práticas do jornalismo independente e/ou alternativo brasileiro em mídias digitais, que perpassam as discussões sobre gênero, sexualidade e convergência;
- 2) Os específicos: pretende-se indicar de que modo o jornalismo independente contribui na representação, reconhecimento e fortalecimento do grupo *LGBTIQ+*;
 - a) Busca-se sinalizar ações de veículos de comunicação através de conteúdos jornalísticos, que possam estabelecer estereótipos, condutas homotransfóbicas, silenciamentos ou espetacularização da informação;
 - b) Deve-se reunir um conjunto de objetos que se enquadrem ao escopo do trabalho após mapeamento exploratório, como veículos de mídia independente, notícias e/ou reportagens, que tenham a comunidade *LGBTIQ+* como público alvo principal e mantenham periodicidade, para realizar estudos de casos, análises de conteúdo e cruzamentos com as bases teóricas.

Bases teóricas

Reflete-se sobre o uso de mídias digitais/sociais, suas possibilidades e paradigmas, como espaços de colaboração para o engajamento social, práticas de mídias independentes, além da construção de referências para a comunidade de *LGBTIQ+*. O foco se mantém no conteúdo produzido pelo jornalismo independente, que pode refletir direitos, demandas e ações de indivíduos da comunidade *LGBTIQ+* com a perspectiva de gênero e sexualidade.

No estudo, leva-se em consideração aspectos da convergência tecnológica, social e cultural (JENKINS, 2009) que atravessa as práticas do jornalismo e, do mesmo modo, hábitos de consumo e produção da informação por usuários na *web*. Como apresenta Castells (2015), a sociedade em rede se caracteriza por transformações do espaço, tempo, trabalho e da cultura, que impulsionam a crise do patriarcado e mais autonomia dos sujeitos comunicantes em relação aos reguladores. Nesse sentido, grupos minoritários ganham mais poder comunicativo de maneira horizontal (CASTELLS, 2015), apesar que ainda sofrem resistências por parte de culturas hegemônicas estabelecidas tradicionalmente. Ainda de acordo com Castells (2015), nesse contexto existem diferentes nivelamentos de poder, como o poder nas redes; da rede; trabalhado pela rede e o poder de criar redes. Dessa forma, percebe-se uma democracia mais

representativa através do estabelecimento de mídias digitais, que proporcionam participação e possibilidades aos diferentes grupos e movimentos sociais. Cenário que incentiva e exige a reinvenção do campo jornalismo, que também ‘disputa’ com outras fontes de informação e se amplia com novas práticas.

Os intercâmbios virtuais configuram novos traços culturais na medida em que eles se intensificam e se expandem em direção a uma gama crescente de domínios na vida das pessoas. A esse respeito, fala-se cada vez mais de “culturas virtuais” em alusão às mudanças nas práticas comunicativas provenientes dos meios interativos a distância, que modificam a sensibilidade dos sujeitos, suas formas de compreensão do mundo, a relação com os outros e as categorias para apreender o ambiente. As culturas virtuais são mediações entre cultura e tecnologia, constituem sistemas de intercâmbio simbólico através dos quais se configuram sentidos coletivos e formas de se representar o real (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.22).

Para o jornalismo, dentre as modificações oriundas do desenvolvimento das mídias digitais/sociais, há mudanças estruturais que interferem no direcionamento do conteúdo devido aos novos hábitos de internautas. Pelo crescimento e maior uso de dispositivos móveis por usuários, como *smartphones*, o jornalismo se depara com seu quinto estágio (BARBOSA, 2013), quando precisa desenvolver plataformas e, conseqüentemente, conteúdos que se adequem nesses aparelhos. “O campo jornalístico, assim como toda coletividade e contexto em que estamos inseridos na atualidade, está diretamente ligado ao uso de dispositivos técnicos digitais que alteram suas instâncias de produção, distribuição e consumo” (SAAD; OLIVEIRA, 2017, p.2). O usuário, no ambiente do ciberespaço, navega em uma publicação jornalística e realiza ações, quando faz de sua intervenção uma dependência para as narrativas jornalísticas (BARBOSA, NORMANDE, ALMEIDA, 2014). Em suma, leitura, interação e conteúdo apresentado via hipertexto (para diferentes dispositivos tecnológicos) transformam a prática e rotina jornalística desse contexto midiático.

No entanto, deve-se considerar que, além da técnica destinada para mídias digitais, a qualidade do conteúdo também precisa ser repensada. “Neste momento de amadurecimento do jornalismo nos meios digitais, questões relacionadas ao conteúdo expressivo são determinantes no sentido de aferir o nível de qualidade da produção jornalística, assim como a resposta do leitor” (LONGHI, WINQUES, p.16). Com a intenção de maior engajamento, pela apropriação de novas tecnologias, grupos e movimentos propõe práticas ciberativistas como uma nova forma de atuação de indivíduos em rede e na rede para a ampliação de reivindicações *on-line* e *off-line*, difusão de informações e debates em prol de um causa (RIGITANO, 2003). “Há outra

comunicação em curso que vem fazendo a diferença há anos, mas que agora ganha novas formas de expressão e capacidade de democratizar conteúdos por meio do empoderamento das tecnologias que facilitam as conexões e a formação de novas redes [...]” (PERUZZO, 2013, p.91). Nessa lógica, considera-se a prática do jornalismo independente, sem fins lucrativos e apartidário. De acordo com Reis (2017), no contexto digital, há uma gama de coletivos e/ou agências que se apropriam das mídias digitais e atuam de forma independente, colaborativa ou em rede.

Dos jornais humorísticos impressos dos anos 1930, como A Manhã, passando pelas revistas Pasquim e Realidade, no período da ditadura militar, foram muitas as mudanças de um jornalismo que pretende “contar o seu tempo” e acompanhar as transformações tanto de linguagem quanto das próprias práticas, a partir de um contraponto aos tradicionais veículos midiáticos. De lá para cá, foram muitas as mudanças. Nas últimas décadas, o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) vem transformando as práticas jornalísticas convencionais, desde a linguagem até as possibilidades de participação dos diversos públicos. Pode-se dizer que, tal como o jornalismo tradicional, o jornalismo independente de hoje também está em transição. A partir da Internet, especificamente por meio das redes sociais, decerto se torna mais simples fazer um trabalho jornalístico não-convencional, desde a produção até a circulação e o alcance (REIS, 2017, p.194).

Compreende-se que o jornalismo, em um sentido geral, se apresenta como uma instituição social relevante para a construção de referências identitárias (Bento, 2008), tanto para questões que envolvem gênero e sexualidade. “Esse saber do mundo que as narrativas jornalísticas põem em circulação, portanto, é decisivo para o modo como os diversos grupos sociais constroem sua realidade e elaboram sua percepção do cotidiano” (LEAL; CARVALHO, 2009, p.7). Por isso, jornalistas precisam se aliar aos direitos humanos e, conseqüentemente, buscar desenvolver referências que não excluam grupos minoritários, como a comunidade *LGBTIQ+*. No entanto, segundo Gonçalves (2017), na mídia não se encontra com facilidade a construção de olhares que desafiam a heteronormatividade hegemônica, que atinge diretamente o grupo. “Assim, uma hipótese é de que o jornalismo independente realizado por profissionais de comunicação pode ser apontado como mais um dos caminhos possíveis para visibilizar as lutas dos movimentos populares da atualidade” (REIS, 2017, p.200). Nessa lógica, o jornalismo independente poderia colaborar com sínteses e análises que atendam demandas e conquistas da comunidade *LGBTIQ+*, pois se apresenta distante de lógicas comerciais, das corporações de mídia e, desse modo, pode possuir propostas editoriais voltadas para transformação social, quebra de estereótipos ou práticas homotransfóbicas.

Metodologia

Através do método exploratório apresentado por Gil (1994), deve-se realizar pesquisa documental, de manuais e produções noticiosas, que se relacione ao grupo *LGBTIQ+*; bibliográfica que envolva os eixos sobre jornalismo independente, convergência midiática, gênero e sexualidade. O primeiro mapeamento apresentado correspondeu a um conjunto de mídias comunitárias e populares brasileiras, pois se considerou tais práticas como viáveis para estudos de caso. No entanto, observou-se que não se encaixam em todos os critérios estabelecidos. Deve-se sinalizar e selecionar veículos independentes para estudos de caso e, posteriormente, coleta de conteúdo que se relaciona ao movimento *LGBTIQ+* para análises e entrevistas. Os três critérios para a seleção dos veículos independentes são: I - periodicidade regular; II - uso de mídias digitais/sociais para distribuição ou produção de conteúdo, além de interatividade; III - comunidade *LGBTIQ+* como público alvo principal ou que esteja presente com predominância em seu conteúdo noticioso. Por fim, há a intenção de promover análises de conteúdos e outros estudos através de artigos disciplinares, que já impulsionaram resultados parciais e sinalizam possibilidades para a pesquisa de dissertação.

Possíveis resultados

Dentre os resultados parciais, já desenvolvidos como artigos disciplinares durante o primeiro semestre de 2018, estão: a) identificação de valores-notícia presentes em uma mídia independente voltada ao público de travestis e transexuais; b) identificação das (in)visibilidades de subgrupos da comunidade *LGBTIQ+* em um caso de mídia; c) observação de conteúdo noticioso presente em um grupo fechado de rede social voltado para a promoção de direitos da comunidade *LGBTIQ+*. Em geral, como possíveis resultados, deve-se obter mapeamentos de objetos, teorias e/ou práticas recorrentes dos eixos que envolvem jornalismo independente, comunidade *LGBTIQ+* e mídias digitais. Acredita-se que as práticas estudadas podem colaborar na construção de um jornalismo engajado em sua plenitude, que reconheça demandas e também promova transformações sociais.

Referências bibliográficas

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013.

BARBOSA, S; NORMANDE, N; ALMEIDA, Y. Produção horizontal e narrativas verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas. GT de Estudos de Jornalismo, **Compós**, 2014.

BERTOCCHI, D. Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital. GT de Estudos de Jornalismo, **Compós**, 2014.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª edição. São Paulo. Atlas. 1994.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

GONÇALVES, G. O. **Signo da Diversidade: narrativa e compreensão jornalística com pessoas LGBT**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2017.

LEAL, BS; CARVALHO, CA. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?. In: **E-Compós**. 2009. Disponível

LONGHI, Raquel Ritter; Winques, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. GT de Estudos de Jornalismo, **Compós**, 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. Diversidade em convergencia. **Revista Matrizes**. São Paulo, USP. V. 2, N°8, jul/dez, 2014.

REIS, M. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Vozes e Diálogo, v. 16, n. 01, 2017.

PERUZZO, C. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?)**. MATRIZES, v. 7, n. 2, 2013.

RIGITANO, M. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2003.



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

SAAD, E; SILVEIRA, S. Uma proposta teórico-metodológica para a pesquisa de objetos no jornalismo contemporâneo. GT de Estudos de Jornalismo, **Compós**, 2017.

A maternidade no jornalismo ponta-grossense: um estudo dos discursos sobre as mulheres mães no Diário dos Campos

Nome completo do aluno (a): Anna Vitória Cuimachowicz Vieira

Orientador (a): Felipe Simão Pontes

Resumo: A pesquisa investiga a instauração de um discurso jornalístico quanto a temática maternidade, principalmente pelo viés da saúde materna e as formas com que ele é enraizado na esfera social. Para isso analisa-se o jornal mais antigo da cidade de Ponta Grossa, O Progresso, que posteriormente se torna o Diário dos Campos. Estabelece-se marcos históricos, identificados em uma revisão bibliográfica, em publicações quanto a história local. Assim, mapeia-se como as tipificações no mundo da vida cotidiana deixam rastros discursivos que circundam a vida social, ambiente em que se revelam tensões e superações deontológicas, em níveis conscientes e inconscientes (FREITAS, 1999), ações que refletem na forma com que as pessoas apropriam-se e normatizam o enunciado jornalístico. Para isso, instrumentaliza-se a história como ferramenta auxiliar na investigação jornalística.

Palavras Chave: Maternidade; discurso jornalístico; jornalismo

Introdução

Muitos são os reflexos sociais que corroboram para criações discursivas, o Jornalismo adere características de autoridade para abordar os mais diferentes temas pois é um dos responsáveis por colocá-los em circulação: “Todo discurso se estabelece de modo intersubjetivo: um alguém enuncia, outro alguém interpreta. O discurso é esta possibilidade que reside no entremeio, no espaço entre os sujeitos. O discurso não está no texto, e sim na prática discursiva exercida entre o enunciador e o leitor” (BENETTI;HAGEN,2010).

No caso da saúde materna a própria esfera da saúde utiliza o jornalismo como forma de operacionalizar sentidos. Voltando para as inserções históricas, os ordenamentos patriarcais tem moldado a abordagem assistencialista, principalmente na estrutura do que se considera a formação de um discurso especialista, que é inserido nas estruturas sociais que circundam as construções discursivas, como parte da noção de jogo que se consolida. Neste sentido, um dos fatores que podemos analisar sob essa ótica é a mortalidade materna, dados revelam que historicamente, no Brasil, os números de mortes maternas são semelhantes aos dos países mais pobres da América Latina:

A mortalidade materna é o indicador que melhor reflete as condições de assistência à mulher durante o período gravídico-puerperal, pois, a intervenção oportuna e adequada, poderia evitar a maioria dessas mortes. Dados de 1997 mostram que o Brasil apresenta um índice de 110 mortes maternas por 100.000 nascidos vivos, números semelhantes aos apresentados pelos países mais pobres da América Latina. (MERIGHI, GUALDA, 2009, p.2)

A perspectiva Foucaultiana sugere que o discurso atua como uma dupla coação, pois interfere não unicamente na esfera jornalística. Essa dupla coação torna difícil visualizá-lo além da esfera pragmática, como a técnica de análise de discurso inserida em um contexto de pesquisa e suas demais ramificações. Na esfera social a legitimidade discursiva se revela associada a perspectiva moral:

Donde a idéia de um discurso de verdade vem explicitamente associada a uma perspectiva moral. E o problema político essencial, seja para o intelectual, seja para o jornalista, não é mais a crítica ideológica, mas a crítica da própria política da verdade, do regime de sua produção. Foucault sabe que não é possível libertar a verdade do poder, dado que a própria verdade é poder, mas coloca como desafio político o rompimento do poder da verdade com as formas da hegemonia. (VOGEL, 2009. s/p)

Historicamente, o Brasil aborda a maternidade, em diversos níveis, como questão secundária. Ocorre uma manutenção discursiva inscrita no Jornalismo hegemônico que atua “numa estratégia de condução de condutas maternas, em que o cuidado com os filhos tornou-se um trabalho científico dominado pelos especialistas” (PIRES, 2017), e, ousou completar, com apreensões também provenientes do jornalismo e do que circula como informação. Estereótipos reflexivos deste sistema, enraizados socialmente, definem os papéis em primeira instância quanto ao corpo feminino. A História é uma faceta proveniente do social e neste sentido tem uma realidade que é sua, em seu tempo e que articula-se no mundo material. O conceito do corpo da mulher é historicamente atribuído a questões quanto a feminilidade apoiada em ideais de seu tempo:

O continuum entre desordem feminina e prática feminina "normal" é revelado nitidamente através da interpretação acurada daquelas desordens, às quais as mulheres têm sido particularmente vulneráveis. Evidentemente, elas têm variado historicamente: neurastenia e histeria na segunda metade do século XIX; agorafobia e, de forma extremamente dramática, anorexia nervosa e bulimia, na segunda metade do século XX. Isso não quer dizer que a anorexia não existia no século XIX — muitos casos foram descritos, geralmente dentro do contexto do diagnóstico de histeria (Showalter 1985:128- 129) — ou que as mulheres não sofrem mais de sintomas histéricos clássicos no século XX. (JAGGAR;BORDO, 1997, p.22)

Demarca-se então a análise no objeto jornal impresso a partir de marcos históricos em relação à maternidade e principalmente quanto a saúde materna, verificando assim a construção vigente de um discurso que ampara o *status quo* e que tem seu nascimento junto ao do jornal impresso mais antigo da cidade, *Progresso*, que posteriormente passa a se chamar *Diário dos Campos*.

Tema e problema

As articulações sociais realizadas entre o processo midiático e o receptor promovem a manutenção de discursos e valores apoiados em um *background* histórico. Por isso tematiza-se a omissão da mulher mãe pela imprensa ponta-grossense, investigando a (in)visibilidade verificada no processo jornalístico. Operacionaliza-se esta análise visualizando também a partir de que desvios esta pauta aparece. Utiliza-se o conceito de minoria como fio condutor do que entra ou não na esfera jornalística. Minorias que lutam pela igualdade de gênero, representatividade étnica e religiosas implodem com bandeiras político sociais, “exigindo do Estado o reconhecimento de suas diferenças, singularidades, de suas identidades” (Barbalho, 2005).

Objetivos: A pesquisa tem como objetivo investigar as representações (ou omissões de representatividade) de maternidade enraizada no jornalismo ponta-grossense.

Bases teóricas: Utiliza-se conceitos teóricos quanto a análise discursiva determinando o que compõe sua estrutura: “formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência” (FOUCAULT, 1969).

Metodologia

Utiliza-se nesta pesquisa conceitos sobre a técnica de análise do discurso jornalístico como fio condutor entre pesquisa bibliográfica, qualitativa, documental e história como

ferramenta auxiliar do jornalismo. Assim, reflete-se sobre os amparos metodológicos e epistemológicos propiciados na pesquisa em Jornalismo.

Por isso, quando falamos de Jornalismo, e prezamos por sua consolidação no campo de pesquisa, ao invés de delimitar cada vez mais nossas ferramentas, temos de pensar quais podemos operacionalizar tecnicamente para que nosso estudo fique mais claro e conciso. O artigo se insere inicialmente como ferramenta de apoio metodológico para a identificação do lugar do Jornalismo quando se faz História do Jornalismo e como a análise discursiva surge como técnica complementar e interdisciplinar.

Este levante histórico inicial atua como ponto de partida para uma triangulação entre os conceitos de Jornalismo, História e análise de discurso na busca de identificar o que os funda como mantenedores discursivos perante o *status quo*. Opta-se pela análise de discurso como técnica central dos estudos de História do Jornalismo, identificando como a História do Jornalismo, antes de responder a História, responde ao Jornalismo (PONTES, 2008).

Possíveis resultados

Questiona-se a partir desta análise de discurso a propagação de um estereótipo ou a nulidade de representação maternal no jornalismo. Como são as mulheres, mães, que estampam o mais antigo jornal impresso de Ponta Grossa? Existe uma evolução entre omissão de representatividade para o retrato de um ser simbólico-mítico? Por isso opta-se pelo jornal de maior longevidade da cidade, pois assim verifica-se como esse discurso é enraizado na história local. Por estar localizada no campo de pesquisa em Jornalismo, cria-se também uma retroalimentação quanto a técnicas e metodologias que consolidam o campo.

Referências bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. **Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao Liberalismo**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs), **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: PAULUS, 2005. P. 27 -39

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, 2011. 23 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

BIROLI, Flávia. **É assim, que assim seja: mídia, estereótipos e exercício de poder.** Rio de Janeiro: Cosmopolítica, 2011. 25 p. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Fla%CC%81via-Birolí.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

FREITAS, Antonio. **Análise do discurso jornalístico: um estudo de caso.** Alagoas, Maceió: Ufa, 1999. 25 p. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-dicurso-jornalístico.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969, p. 265.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R.. **Gênero, Corpo, Conhecimento.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 343 p. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/18966236-Genero-corpo-conhecimento.html>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa; GUALDA, Dulce Maria Rosa. **O CUIDADO A SAÚDE MATERNA NO BRASIL E O RESGATE DO ENSINO DE OBSTETRIZES PARA ASSISTÊNCIA AO PARTO.** São Paulo: Revista Latino Americana de Enfermagem, 2009. 7 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n2/pt_20.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2018.

PIRES, Elaine Muniz. **DISCURSOS EM DISPUTA SOBRE A MATERNIDADE NO BRASIL.** Florianópolis: Ufsc, 2017. 11 p. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/79512761-Discursos-em-disputa-sobre-a-maternidade-no-brasil.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

PONTES, Felipe. **Do Jornalismo e da História à História do Jornalismo.** Florianópolis: Estudos em Jornalismo e Mídia, 2008. 19 p. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n2p167/10199>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PONTES, Felipe; SILVA, Gislene. **Percursos metodológicos e teóricos da pesquisa em História do Jornalismo nas teses dos programas de comunicação do Brasil.** Florianópolis: Alaic, 2012. 14 p. Disponível em: <https://issuu.com/rehime/docs/x_congresso_de_alaic_-_ponencia_pontes-silva>. Acesso em: 11 jul. 2018.

VOGEL, Daisi. **Sobre Foucault e o Jornalismo.** São Paulo: Sbpjor, 2008. 14 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/100418885/VOGEL-Daisi-Sobre-Foucault-e-o-Jornalismo>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

O jornalismo literário atual – os casos *Rascunho* e *Cândido*

Nome do aluno (a): Daniel Augusto Zanella

Orientador (a): Cíntia Xavier

Resumo

Este projeto de Mestrado ambiciona entender o que é o jornalismo literário contemporâneo, a partir dos casos do *Rascunho* (2000) e *Cândido* (2011), dois jornais produzidos em Curitiba, um privado, outro público. O *Cândido* é o jornal de literatura da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), impresso, mensal e com ênfase em reportagens locais e voltadas ao entendimento dos fenômenos literários atuais. O *Rascunho* é também mensal, em papel jornal, e circula ininterruptamente desde abril de 2000, sendo uma das publicações mais longevas do País. O slogan pretende e confessa: O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL. O periódico é forte no setor de críticas literárias e de lançamentos do mercado editorial, reunindo importantes articulistas do meio. Em tempos de hiperinformação e de mudanças de comportamentos, o que é praticar jornalismo literário na contemporaneidade? Como ambos os periódicos, analógicos por excelência, titulares de um modo tradicional de se entender o jornalismo literário, forjam presença, se mobilizam, se modificam e interagem na vida digital? O conteúdo apresentado por ambos os impressos repercute, apresenta ou discute tais mudanças e alterações de panorama? Para tal intuito, a presente pesquisa pretende levantar características, observar comportamentos de campo e realizar um levantamento quali-quantitativo para analisar e entender com maior profundidade as características de cada periódico neste novo contexto de distribuição e acesso ao conteúdo.

Palavras-chave: Jornalismo literário; periódicos; digital

Objetivos

Este projeto de Mestrado pretende compreender o que é o jornalismo literário atual e como ele se apresenta em dois periódicos impressos escolhidos: *Rascunho* e *Cândido*, ambos de circulação nacional e dirigida. O levantamento e a pesquisa dentro do corpo de edições de cada um dos títulos pretende identificar características, extrair pistas de composição e de como operam em sua construção *sui generis*, além de identificar como interagem com novos vetores sociais e em uma comunidade em configuração.

Bases teóricas

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes/PucRio, 2016. Pp: 17-39.
- ANTONELLI, Diego. **Paraná**: uma história. Curitiba: Arte & Letra, 2016.
- AS VARIEDADES. Salvador: Fundação Pedro Calmon, ed. fac-símile, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Os pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1975.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ, Curitiba. Disponível em: <<http://www.bpp.pr.gov.br>> Acesso em: 6 jun. 2018.
- BIERCE, Ambrose. **Dicionário do Diabo**. São Paulo: Carambaia, 2017.
- CÂNDIDO, Jornal da Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, Imprensa Oficial, ago. 2011-mai. 2018.
- CAROLLO, Cassiana L. de Lacerda. **Os manifestos de Joaquim**: O espírito irreverente de 22 e as preocupações de 45. Revista Letras v.20, 1972.
- CORREIOS, 2018. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/>>. Acesso em: 5 jul. 2018
- G1, 2018. Disponível em: < <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2017/03/correios-em- crise-fecham-agencias-e-encomendas-nao-chegam.html>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.
- DEZENOVE DE DEZEMBRO, Curitiba: Typografia Paranaense, 1854-1888.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra Do Brasil & História da Província de Santa Cruz**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- FELIPPI, Angela. **A identidade gaúcha no jornalismo impresso**. In: FELIPPI, Angela e NECCHI, Vitor (orgs). *Mídia e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2009. Pp: 33-59.
- GADINI, Sergio. *Tematização e Agendamento Cultural nas páginas dos diários portugueses*. 2002.
- ISTOÉ DINHEIRO, 2018. Disponível em:
< <https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20160722/fim-voe-solitario-dos-correios/395802>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Editora Aleph, São Paulo, 2006.
- JOAQUIM, Curitiba, n.º 1-21, abril 1946-dez. 1948
- LEMINSKI, Paulo. **Anseios e ensaios crípticos**. Curitiba: Inventa, 2014.
- LOPES, João Teixeira. **Em busca de um lugar no mapa**: Reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão. In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º.34, dez. 2000.
- NICOLAU, Curitiba, n.º 1-60, jul. 1987-dez. 1996.
- MAGALHÃES, Marion Brepohl. Curitiba, 2017. **Paraná**: Política e Governo. Curitiba: SAMP, 2017.
- MILLARCH, Aramis, in *ESTADO DO PARANÁ*, 24 de janeiro de 1982, Caderno Almanaque, p. 7, Curitiba.
- O CENÁCULO. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1895-1897.
- OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. **Dalton Trevisan (em) contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.
- NETO, Miguel Sanches. **A reinvenção da província**: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan. Campinas: 1998.
- NICOLAU, Curitiba, n.º 1-60, jul. 1987-dez. 1996.

- MEYER, Marlise. Folhetim. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MILLARCH, Aramis, in ESTADO DO PARANÁ, 24 de janeiro de 1982, Caderno Almanaque, p. 7, Curitiba.
- MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil volume 1: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- O CENÁCULO. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1895-1897.
- OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. **Dalton Trevisan (em) contra o Paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.
- POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no Centenário**. 2.ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1980.
- Wikipedia, 2018. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/influencias-historia-quadrinhos-na-educacao.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- QUATRO CINCO UM, 2018. Disponível em: <<https://revista451.com.br/conteudos/visualizar/O-Rascunho-de-um-homem-so>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- PONS, Annaclet. **El desorden digital**. Siglo XXI de España Editores, S. A., 2013
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência: Curitiba 1890-1920**. São Paulo, 1985.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que É A Literatura?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. São Paulo: Editora Escrituras, 2005.
- RASCUNHO, Jornal. Curitiba, 2000-2017. _____, Curitiba. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jornalrascunho/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- _____, Curitiba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalrascunho/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- _____, Curitiba. Disponível em: <<http://www.rascunho.com.br>> Acesso em: 6 jun. 2018.
- THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Volume II**. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAVANCAS, Isabel. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Orgs.: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- ANTONELLI, Diego. **Paraná: uma história**. Curitiba: Arte & Letra, 2016.
- BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Sonho e invenção do Paraná: Geração simbolista e a construção de identidade regional**. Curitiba: 2001.
- DEMARCHI, Ademir (org.). **101 Poetas Paranaenses V.1 (1844-1959)**. Curitiba: Biblioteca Paraná, 2014.
- ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, Curitiba, nº 1-34, nov. 1927-nov. 1930
- SANTANA, Ivan Justen. **Emiliano Pernetá: vida e poesia de província? CURITIBA**, 2015.
- SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à Literatura Paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988.
- SANTOS, Francisco Marques dos, (org.). **D. Pedro II: Diário da visita à Província do Paraná**. Ponta Grossa, UEPG, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003

Metodologia

O presente projeto realizará uma turnê de força que aborde a origem do narrador histórico, o surgimento da imprensa, a consolidação da mídia impressa no mundo, a popularização do folhetim europeu, a criação da imprensa brasileira, o surgimento dos primeiros cânones literários no País – todos com importante papel na imprensa – e o estudo das principais mudanças de plataformas tecnológicas do século 20 até o século 21. Salientar-se-á a formação da imprensa no Paraná, os principais espaços de representação do campo literário nos principais jornais locais do século 20 e o surgimento de importantes periódicos de segmento, como a revista *Cenáculo*, a *Joaquim* e a *Nicolau*, todos de projeção nacional. A partir da delimitação desta trajetória histórica, concentrar-se-á na delimitação do que é jornalismo cultural — suas características, aquilo que o torna singulares, aspectos de autorreferencialidade —, na definição possível do que é jornalismo literário—características internas, fronteiras e limites —, para, em seguida, analisar dois dos principais periódicos do século 21 do setor de jornalismo literário no Paraná, especificamente de Curitiba, o *Rascunho* e o *Cândido*. Pretende-se, acerca de ambos os periódicos, consultar seus acervos de publicação. Também será realizado um levantamento quantitativo e qualitativo desta produção e analisar-se-á as relações de tais impressos com novos vetores, como as redes sociais e a recodificação de velhas bases do segmento.

Possíveis resultados

Pretende-se apresentar as características que formam o jornalismo literário contemporâneo, mostrar a importância crescente da plataforma impressa no segmento jornalismo literário, consolidar o papel fundamental dos impressos de literatura na construção de cenas literárias e imaginários, além de confirmar seu vigor mesmo em um cenário supostamente hostil para publicações impressas.

A mulher representada pelas biografias jornalísticas publicadas no Brasil (1998-2018)

Nome completo do aluno (a): Felipe Adam

Orientador (a): Sérgio Luiz Gadini

Resumo

É inegável o interesse dos leitores na vida alheia e isso se reflete na alta produção de livros biográficos. No Brasil, de 2016 para 2017, houve um aumento de 11% de títulos no mercado editorial. Enquanto isso, na academia, ela já foi taxada como gênero impuro por Dosse (2009) e hoje é considerada híbrida (VILAS BOAS, 2002) por viver no tensionamento das fronteiras entre História, Jornalismo e Literatura. Apesar de permanecer nessa linha tênue, a biografia apresenta elementos que a caracterizam como sendo um produto jornalístico. Dentro desse viés, propomos averiguar como a mulher foi caracterizada nas biografias assinadas por jornalistas brasileiros nos últimos 20 anos. Além disso, propõe-se discutir a influência do gênero feminino na escrita de vida, já que existe uma desproporção na quantidade de jornalistas biógrafas em relação a jornalistas biógrafos. Para isso, será feito um levantamento da quantidade de títulos nas 523 editoras pré-selecionadas a fim de se estabelecer, numericamente, quanto delas são representadas no impresso.

Palavras-chave: biografismo; jornalismo biográfico; mulheres; jornalismo cultural.

No início de setembro deste ano, chegou às livrarias a obra *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*, da jornalista cearense Adriana Negreiros. Publicada pela editora Objetiva, esse livro traz a biografia da companheira de Lampião e de quebra, todo o contexto histórico que reinava o Nordeste nos anos 1930. Há exatos 33 anos, outro jornalista – o mineiro Fernando Morais – publicava *Olga* pela Alfa Omega. Nela, o autor traça a cronologia da esposa de Luís Carlos Prestes, bem como os bastidores do movimento operário e comunista no Brasil no cenário getulista pré-Segunda Guerra. Separados por um intervalo de três décadas, a intenção de ambos os livros foi de recontar a história pela perspectiva feminina e dar espaço às personagens que foram camufladas ao longo do tempo.

A proposta de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa disserta sobre as protagonistas femininas retratadas em livros biográficos por jornalistas no Brasil, no período de 1998 a 2018. Já que para Vilas Boas (2002), “biografia é o biografado segundo o biógrafo”, a pergunta que irá nortear este trabalho é como as mulheres biografadas são caracterizadas nas biografias assinadas por autores jornalistas. Como hipótese inicial, observa-se que existem mais

biografadas do que biografados. Assim, nosso objetivo é compreender como uma mesma personagem é caracterizada, caso seja biografada por um homem e por uma mulher. Além disso, entender o porquê de existirem poucas jornalistas biógrafas. Por fim, mas não menos importante, encontrar elementos do jornalismo nessas biografias a fim de estabelecer uma relação com a prática jornalística.

Para o historiador francês François Dosse (2009), a biografia é um gênero impuro. Por ser híbrida, ela vive constantemente nas fronteiras tênues com a História, Literatura, além de despertar interesse em outras áreas das ciências sociais, como a Antropologia e a Semiótica. Porém, apesar dessa vivência, muitos autores afirmam que a biografia não é um assunto muito pesquisado na academia jornalística, fato que acaba sendo descosturado quando se analisa o histórico. É importante mencionar o pioneirismo do professor Edvaldo Pereira Lima (2004) quando este trouxe o conceito de Jornalismo Literário ao Brasil bem como a definição do termo livro-reportagem. Sergio Vilas Boas (2002, 2008), por sua vez, também se destacaria com obras que se tornariam referência em biografismo. A partir deles, o cenário universitário foi sendo alterado com a incorporação de estudos de professores como, por exemplo, Felipe Pena (2004) e a sua proposta de fractais biográficos; Monica Martinez (2008) e configuração do biografado pela jornada do herói a partir de uma remodelação dos conceitos do mitólogo Joseph Campbell; Mozahir Salomão Bruck (2009) e sua aproximação com a literatura; Karine Moura Vieira (2011, 2015), quando discute os bastidores de produção de biografias e a narrativa dos jornalistas brasileiros; Mariana Ramalho Procópio Xavier (2012) e a produção do Jornalismo e História nas biografias. Na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, o curso de Jornalismo oferece a disciplina eletiva de Jornalismo Biográfico aos alunos, ministrada pela professora Marta Regina Maia.

Se na universidade, o campo está em constante crescimento, não se pode negar que no mercado o panorama esteja diferente. Em 2017, apresentou-se a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro³, onde foi apontado que as biografias foram o único gênero que apresentou crescimento de produção. Dos 5.138.616 milhões em 2016 subiu para 5.710.986 de exemplares. Ou seja, uma variação positiva de 11,14%. Para este trabalho, a inspiração teórica parte de dois estudos realizados em programas de pós-graduação. Juliana Bulhões e Gustavo

³ Ano-Base 2017. Encomendada pela Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livro e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, a pesquisa divulgou que os temas didáticos, religiosos e de literatura adulta foram os mais produzidos no Brasil. Disponível em <http://www.snel.org.br/apresentado-o-resultado-da-pesquisa-producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro-ano-base-2017>. Acessado em 29 de maio de 2018.

Sobral (2016)⁴, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pesquisaram obras biográficas e autobiográficas de jornalistas brasileiros publicadas no período de 1917 a 2016 e a posterior contribuição delas para a história do jornalismo no país. O segundo, de autoria de Regina Dalcastagnè (2012)⁵, da Universidade de Brasília - UnB, tratou de um mapeamento dos romances publicados por editoras brasileiras entre 1990 e 2004. Em outras palavras, seria saber quem e sobre o que escreve o autor brasileiro, a fim de elaborar o cenário da narrativa brasileira contemporânea. Como resultado, Dalcastagnè (2012) obteve que os personagens, em sua maioria, são brancos e os autores, majoritariamente homens brancos universitários, oriundos do eixo Rio-São Paulo. Além disso, pode-se incorporar nessas informações outro dado: desde 2006, a categoria Biografia do Prêmio Jabuti de Literatura premia livros cujo biografado é homem; a única vez ocorreu com a obra *Carmen*, do jornalista Ruy Castro, logo na primeira vez em que o segmento Biografia tinha sido desmembrado da Reportagem. Coincidência ou não, esse é um dado que merece reflexão.

A fim de podermos esmiuçar a realidade e ainda traçar um panorama das últimas duas décadas do mercado editorial, partiremos para um levantamento da quantidade de editoras no país. No momento, chegamos ao universo de 523, sendo 400 associadas ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e 123 vinculadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). O próximo passo será filtrar por aquelas que publicam o gênero; em seguida, averiguar quantitativamente aquelas assinadas por jornalistas brasileiros cuja protagonista seja mulher. Por último, chegaremos às biografadas retratadas por jornalistas mulheres e assim, estuda-se a possibilidade de realizar entrevistas com as mesmas.

Sendo assim, quanto aos possíveis resultados, espera-se contribuir tanto para a história do jornalismo quanto aos estudos de gênero. Também dar visibilidade ao trabalho, embora reduzido, das jornalistas biógrafas. Espera-se compreender junto a elas, os critérios que a levaram escolher o personagem (própria vontade ou imposição com aval da editora?) e a posterior produção da obra biográfica. A missão é comprovar a hipótese e saber se a caracterização depende exclusivamente do local de fala.

Referências bibliográficas

⁴ BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo Leite. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. *Temática* (João Pessoa. Online), v. 12, p. 206-221, 2016

⁵ DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 1. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1. 208p.



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus, 2002.



2º Seminário de Pesquisa em Jornalismo do MsJor

[14 a 16 de agosto de 2018 – UEPG Central – Ponta Grossa]

A influência das métricas no webjornalismo do Amapá: um estudo do *ethos* dos jornalistas do G1 e Selesnafes.Com sob a ótica da cultura caça-clique

Nome do aluno (a): Larissa Cantuária Lucena

Orientador (a): Cintia Xavier

Coorientador: Ivan Bomfim

Resumo

O presente estudo salienta os primeiros percursos teórico-metodológicos do projeto de pesquisa que busca compreender como os programas de medição e monitoramento de audiência, as chamadas métricas, afetam o *ethos* dos jornalistas que atuam em redação online no Amapá. Para tal, o trabalho pretende ser realizado no portal G1 Amapá através da observação participante, e no SelesNafes.Com com base na netnografia. A intenção é acompanhar a rotina de produção dos referidos sites para verificar o grau de influência da busca por cliques nos valores e crenças de seus profissionais, considerando as novas exigências da prática jornalística, permeada pelo mercado de hiperconcorrência.

Palavras-chaves: Webjornalismo; métricas; *ethos* jornalístico; G1 Amapá; SelesNafes.Com.

Os veículos de notícias voltados para o ambiente digital passaram a ter a oportunidade de acompanhar em tempo real os números de acessos através das chamadas métricas, que são dados oferecidos por *softwares* de *web analytics* que possibilitam estudar o leitor e os seus hábitos para garantir maior visibilidade dos conteúdos e atingir metas a fim de atrair publicidade. Como é o caso do G1 Amapá⁶ e SelesNafes.Com⁷, que utilizam os acessos alcançados como parte do *portfólio* disponível aos anunciantes.

A partir da incorporação desses instrumentos de mensuração de público, principalmente somado ao atual cenário de quedas nas receitas publicitárias dos meios de comunicação (WAISBORD, 2017), surge o seguinte questionamento: como a busca pelos cliques de audiência afeta o *ethos* dos jornalistas que atuam no G1 Amapá e SelesNafes.Com? Assim sendo, a pesquisa objetiva analisar como funciona o grau de influência entre os resultados aferidos com as rotinas de produção jornalísticas; caracterizar de que forma a interpretação das métricas e as estratégias por acessos interferem no produto final dos conteúdos jornalísticos;

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ap>>. Acesso em 9 de setembro de 2018.

⁷ Disponível em: <<https://selesnafes.com/>>. Acesso em 9 de setembro de 2018.

identificar e descrever o *ethos* dos jornalistas do G1 Amapá e SelesNafes.Com pela perspectiva da cultura caça-clique; e compreender as particularidades locais que os referidos sites possuem na organização da cobertura jornalística.

A escolha do objeto de estudo e da localização parte da necessidade de aprendizado acerca da imprensa do Amapá. O estado, além de ser uma das últimas unidades da federação a serem criadas, carece de referencial teórico e epistemológico sobre os meios de comunicação da região. É o que aponta Isabel Augusto e Roberta Scheibe (2014), organizadoras da primeira e única coletânea de resgate histórico do jornalismo no estado no livro “História da Comunicação Amapaense”.

Ainda do ponto de vista acadêmico, verifica-se a inexistência de estudos de pós-graduação sobre a imprensa amapaense tendo como objeto o jornalismo na grande área de conhecimento de comunicação, conforme consulta do dia 7 de setembro de 2018, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁸. A seleção dos dois sites, G1 Amapá e SelesNafes.Com, ocorre por serem os webjornais mais antigos em atividade no estado (ambos foram lançados em 2013, mas não são os primeiros do gênero).

Na perspectiva teórica, o trabalho se ancora nos conceitos sobre o jornalismo permeado por cliques (ANDERSON, 2009; NGUYEN, 2016; CANAVILHAS; TORRES; LUNA, 2016; ANTUNES, 2017; TANDOC JR.; THOMAS, 2017; VIEIRA, 2018). A partir disso, levantamos que, com a adoção de estratégias para aumentar os acessos, surgem novas exigências para o profissional que atua no webjornalismo, visto que os níveis de audiência com maior precisão também possibilitam melhorar a interface gráfica das páginas, pensar em soluções de publicidade sofisticadas e medir o impacto das campanhas.

No entanto, sob a ótica da cultura caça-clique, as táticas para captação da atenção de um público cada vez mais segmentado são essenciais e, em certos casos, tratadas como a salvação da sobrevivência dos veículos de comunicação no século XXI, permeado por um mercado de hiperconcorrência. “A dependência entre os agentes é muito maior e no qual, por consequência, as pressões exercidas sobre o jornalista para que contribua para os objetivos comerciais da empresa se tornam mais presentes” (CHARRON; BONVILLE, 2016, p. 366).

⁸ Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>>. Acesso em 7 de setembro de 2018.

Para compreender *ethos*, consideramos as análises de Pierre Bourdieu (2009), que o define como condicionantes associados a uma determinada classe que formam o seu *habitus*. Isto é, são

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser em nada o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2009, p. 87)

Seguindo essa linha de pensamento, Nelson Traquina (2013) levanta que o jornalismo foi uma das poucas profissões que conseguiu êxito na elaboração de uma cultura rica em valores, símbolos, cultos e crenças, que determinam o *ethos*. Apesar disso, cada grupo cria o seu próprio *ethos* a partir de um código não escrito, oculto na consciência de cada profissional: “Por ser frequentemente inconsistente, este último código é mais difícil de descrever e analisar. Mas é o mais poderoso” (MEYER, 1989, p. 38).

Portanto, com o intuito de atingir as finalidades da pesquisa, será necessário utilizar a observação participante no G1 Amapá. Durante o período *in loco* na redação, pretende-se registrar tanto em gravações quanto em diários de bordo o comportamento e falas dos membros da equipe, a fim de identificar os valores e crenças que formam seu *ethos*.

Em relação ao SelesNafes.Com, a análise acontecerá através do acompanhamento no grupo do WhatsApp no qual os jornalistas definem as pautas, considerando que, desde o início de 2018, o site deixou de ter uma redação física. Por isso, a netnografia se torna o aporte metodológico mais indicado, visto que é a “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETS, 2010, p. 61).

A proposta é colher as informações durante dezembro de 2018, mês escolhido para não coincidir com o calendário letivo. Além do mais, como os veículos em questão tendem a se dedicar para atingirem metas, as funções consideradas caça-clique ocorrem independente do período. Associada à pesquisa de campo, a investigação também se valerá de entrevistas com os membros das redações online, pois o procedimento “ajuda o pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais etc.” (LAGO, 2008, p. 58).

Desta forma, há a indicação de que o uso das métricas esteja incorporado no cotidiano do G1 Amapá e SelesNafes.Com. No entanto, precisamos compreender como funciona a estrutura do webjornalismo amapaense, observando as particularidades locais no processo de produção. Por isso, é relevante constatar como os valores e crenças dos jornalistas são afetados pela busca da audiência no meio virtual, tendo como reforço o olhar para o funcionamento dessa dinâmica em redações além do eixo Rio-São Paulo-Brasília.

Ainda se considera que a pesquisa poderá ser reconfigurada, diante novas relações no jornalismo que despontaram devido ao constante processo de convergência tecnológica. Logo, ocorre a possibilidade de incluir o site do Jornal Diário do Amapá⁹ como objeto do trabalho, por ter sido o primeiro jornal impresso do estado que realizou a produção exclusiva de conteúdos para a web, em 2014.

Referências

ANDERSON, C. W. **Breaking journalism down: work, authority, and networking local news, 1997-2009.** 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Columbia University, Nova York, 2009.

ANTUNES, Paulo. **Jornalismo mensurado: uma investigação sobre os impactos dos sistemas de medição de audiência em sites de notícias.** 109f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

AUGUSTO, Isabel; SCHEIBE, Roberta (Org.). **História da Comunicação Amapaense.** Pará de Minas: Virtual Books, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CANAVILHAS, João; TORRES, Vitor; LUNA, Diógenes de. Da audiência presumida à audiência real: influência das métricas nas decisões editoriais dos jornais online. In: **Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público,** Coimbra, n. 2, 2016.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo.** Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online.** Porto Alegre: Penso, 2010.

⁹ Disponível em: <<https://www.diariodoamapa.com.br/>>. Acesso em 9 de setembro de 2018.

LAGO, Claudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In: **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEYER, Philip. **A ética no jornalismo**. Um guia para estudantes, profissionais e leitores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

NGUYEN, An. O julgamento das notícias na cultura “caça-clique”: o impacto das métricas sobre o jornalismo e sobre os jornalistas. In: **Revista Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2016.

TANDOC JR., Edson; THOMAS, Ryan. Estar “indo bem” é algo bom? Como webanalytics e mídias sociais trazem à tona uma nova norma jornalística. In: **Parágrafo**, v. 5, n. 1, jan./jun. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. 2, 3 ed., 2013.

VIEIRA, Livia de Souza. **Métricas editoriais no jornalismo online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas**. 393. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WAISBORD, Silvio. Afterward: Crisis, what crisis? In: PETERS, Chris; BROESMA, Marcel. **Returning Journalism Again: Societal Role and Public Relevance in the Digital Age**. London: Routledge, 2017.

As mulheres no jornalismo impresso dos Campos Gerais: Um levantamento do perfil e das diferenças de gênero no jornalismo

Nome completo da aluna: Ligia Tesser Pereira

Orientadora: Karina Janz Woitowicz

Resumo

O texto apresenta uma síntese do projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na área de concentração “Processos jornalísticos”, linha de pesquisa “Processos jornalísticos e práticas sociais”, sobre a temática das relações de gênero na profissão de jornalista. O objetivo é levantar o perfil das mulheres jornalistas que atuam nos jornais impressos dos Campos Gerais, interior do Paraná. Em uma primeira etapa, pretende-se partir de entrevista *Survey* para obter informações como idade, cargo e tempo de profissão e, em seguida, entrevista semiestruturada a fim de compreender se há diferenças de gênero nas redações e como elas se dão. Espera-se, com essa investigação, contribuir para os estudos de gênero no campo jornalístico e para conhecer melhor as profissionais dos periódicos do interior.

Palavras-chave: Jornalismo regional; jornalismo impresso; mulheres jornalistas; estudos de gênero.

Apresentação do tema e problema de pesquisa

A presente pesquisa surge da proposta de estudar o jornalismo a partir da caracterização do perfil das jornalistas mulheres das redações dos jornais impressos dos Campos Gerais, associada à intenção de compreender os discursos dessas profissionais sobre as diferenças de gênero vivenciadas nesses ambientes. Embora existam estudos sobre o mercado profissional e a feminização da profissão, considera-se que a pesquisa empírica deve proporcionar o conhecimento da realidade regional no jornalismo e, inclusive, tensionar levantamentos realizados em nível nacional.

A pesquisa considera a constatação de Aline Leite (2015) sobre um novo perfil do jornalismo que surge como parte de um processo de reorganização profissional, o qual passou a contar com indivíduos jovens, mais feminino, com diploma na área e com o trabalho precarizado. A autora buscou números na Relação Anual de Informações Social (RAIS- 2013) do Ministério do Trabalho e nos dados da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) para traçar o cenário de que, há cerca de 20 anos, havia somente metade do número de mulheres trabalhando do que no momento de sua pesquisa, com carteira assinada, na cidade de São

Paulo. Na época da elaboração de sua tese, a autora percebeu que as mulheres se tornaram dois terços do total do número de profissionais jornalistas em exercício.

Leite constata que a precarização do trabalho no jornalismo também atinge mais as mulheres: elas ganham menos e correspondem a 68,8% dos profissionais “fora da mídia”, sendo que nesse grupo 39% contam com carteira assinada contra 75% daqueles que atuam em redações da mídia (FENAJ, 2012). Ainda no levantamento feito por Leite na RAIS 2013, em São Paulo, das mulheres registradas como jornalistas, 75,1% tinham até 39 anos de idade. Na mesma pesquisa, a autora identificou que 84,64% das mulheres registradas tinham no mínimo o nível superior incompleto, enquanto para os homens o percentual era de 77,61%.

A autora destaca a pesquisa elaborada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) de 2013, que compreende o Estado de São Paulo:

O perfil do jornalista descrito nesta pesquisa é o seguinte: a maioria dos jornalistas tem um perfil de classe média, com até 30 anos de idade, é branco, do sexo feminino, não tem filhos, tem curso superior completo e pós-graduação; trabalha de oito a 10 horas por dia, em “multiplataformas” e com faixa salarial que varia de R\$2 mil a R\$6 mil.

A partir deste contexto, a pesquisa apresenta como problemática a identificação das desigualdades de gênero no campo jornalístico, tomando como referência as especificidades dos periódicos impressos regionais explicitadas por meio de informações fornecidas por mulheres que atuam na área nos Campos Gerais.

Objetivos

A pesquisa objetiva levantar o perfil das mulheres jornalistas nos jornais impressos dos Campos Gerais, de modo a problematizar as relações de gênero no mercado profissional. Para isso se compreende que algumas informações deverão ser investigadas, como o aspecto geracional dessas profissionais da imprensa; salário; tempo de profissão; espaços de atuação; cargos e funções; tempo de dedicação ao trabalho; formação; relação entre trabalho e vida pessoal; entre outros. Deve-se observar, ainda, a proporção entre profissionais jornalistas mulheres e homens nas redações de jornais, bem como as relações e hierarquias internas que envolvem as profissionais. Também se reconhece a importância de averiguar se há diferenças de gênero nas redações, a partir do próprio discurso dessas mulheres, e situar as características do mercado de trabalho na região.

A pesquisa propõe esta abordagem, pois compreende a importância de se diagnosticar o perfil dessas jornalistas e ter um panorama da feminização da profissão na região que compreende o interior do Estado do Paraná. Assim, se apresentam as seguintes perguntas: a feminização da profissão de jornalista no interior ocorre da mesma forma que nos grandes centros? Quais são as peculiaridades? E qual é o espaço ocupado pelas mulheres na profissão?

Pressupostos teóricos

As desigualdades de gênero continuam presentes na sociedade atual, mesmo com os avanços das últimas décadas. A inferioridade atribuída à mulher ainda é motivo de luta e essa condição permeia todos os âmbitos da vida, seja privada ou social, como constatado nos exemplos de elevação de chefia, remuneração desigual para o mesmo cargo ocupado por homens e a dificuldade de se manter em carreiras majoritariamente masculinas.

Uma pesquisa que aborda o perfil da mulher jornalista e confirma o dado de que dois terços da profissão de jornalista são formados por mulheres foi discutida por Felipe Pontes (2016), em seu trabalho sobre desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico. Uma das desigualdades levantadas pelo pesquisador diz respeito à diferença de renda entre o sexo masculino e o feminino. Pontes (2016) cita informações elaboradas pela pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, que revela:

Em trabalho jornalístico na mídia (nas redações) a proporção reproduz a desigualdade de gênero. São 1.126 entrevistados que afirmaram trabalhar em veículo de comunicação, desses 671 mulheres (59,6%) e 455 homens (40,4%). Receberam abaixo de cinco salários mínimos 70,5% das mulheres (55,8% dos homens), de cinco a dez mínimos, 20,5% (28,2% dos homens), de dez a vinte mínimos, 6% (11,6%), acima de vinte, 1,5% (4,9%) (PONTES, 2016, p. 05).

Ao observar a crescente inserção das mulheres na profissão, que tradicionalmente foi vista como de propriedade masculina, levantou-se a dúvida de como se dão as disputas de espaço e relações de poder entre homens e mulheres dentro de redações dos impressos dos Campos Gerais.

Em 2017, um levantamento foi apresentado no artigo “Proximidades entre Macapá (AP) e Ponta Grossa (PR): O papel da mulher no mercado de trabalho em Jornalismo”, de autoria de Abinoan Santiago dos Santos, Kethlyn Lemes e Paula Melani Rocha. Os dados nas redações de Ponta Grossa dizem respeito a idade, grau de instrução, funções e índice de carteira assinada e utilizou-se o método de visita com aplicação de questionário com perguntas fechadas.

Com exceção da quantidade de profissionais que atuam em TVs de Macapá, compostas em sua maioria por mulheres, no restante, elas estão em menor número. O caso mais acentuado dessa diferença foi visto em jornais impressos de Ponta Grossa, que têm a quantidade de homens com número duas vezes maior. (SANTOS; LEMES; ROCHA, 2017)

O cenário demonstrado pelos autores dá indícios de que a feminização da profissão de jornalista, no interior, vai na contramão das pesquisas realizadas nas últimas décadas nos grandes centros econômicos, do Brasil e do mundo. Sobre a forma de contratação de mulheres, a amostragem do artigo levanta que em Ponta Grossa, 98,7% das jornalistas contam com carteira assinada. Quanto aos cargos ocupados, na maior cidade dos Campos Gerais as mulheres não ocupam nenhum cargo de chefia e 44% delas estão locadas na função de reportagem.

Para abordar sobre a cultura hegemonicamente masculina das redações, Márcia Veiga da Silva (2010) se baseia no padrão social ocidental, em que os sujeitos nascem homens ou mulheres e a partir disso são orientados por atributos distintos e que essencialmente se identificam como heterossexuais. Nessa lógica, Veiga (2010) analisa que as relações sociais se estabelecem em um padrão de heterossexualidade.

O que significa ser homem ou mulher, assim como o entendimento de que se nasce naturalmente heterossexual, é algo praticamente inquestionável no senso comum e, também, em grande parte das investigações científicas reconhecidas como “legítimas” em nossa cultura. Mas é igualmente pouco questionável a posição dos lugares ocupados por aquelas e aqueles que não correspondem ao padrão hegemônico, seja de gênero, seja de classe, sexualidade, etc., apesar de alguns avanços em distintas esferas da sociedade (VEIGA, 2010, p. 53).

Para desenvolver essa proposição, também se leva em consideração a expressão “relações de gênero”, como levanta Maria Lygia Quartim de Moraes (1998). Utilizada pelo campo das Ciências Sociais, a expressão designa “que as categorias diferenciais de sexo não implicam no conhecimento de uma essência masculina ou feminina” (MORAES, 1998, p. 100), mas orientam para a *ordem cultural* que modela mulheres e homens. “Em outras palavras, o que chamamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder.” (MORAES, 1998, p. 100).

Ao transpassar esta discussão, Moraes (1998) também reflete sobre a necessidade de avançar em estudos que tratem a *tensão corpo biológico/corpo simbólico* e o que tange as questões de identidade. Para isso, a autora cita o trabalho de Bleichmar como pioneiro,

“assinalando que gênero é um conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e atributos que a cultura oferece” (MORAES, 1998, p. 103).

Metodologia de investigação

A pesquisa propõe, a priori, a elaboração de um questionário base a ser respondido pelas jornalistas mulheres, que irá proporcionar um inventário quantitativo, através da técnica de pesquisa *Survey on-line*. Na segunda etapa, a qualitativa, se vislumbra a elaboração de entrevista semiestruturada para compreender as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas mulheres dentro da redação em relação às desigualdades de gênero. Aspectos como assédio ou discriminação de gênero deverão ser investigados. Para isso, esse projeto propõe uma das técnicas metodológicas mais utilizadas nas Ciências Sociais, a entrevista. A técnica proporciona interação social, com diálogo, por meio da coleta de dados diretamente com as fontes da pesquisa.

Possíveis resultados

De acordo com o site da Associação dos Jornais Diários do Interior do Paraná (ADIPR), são associadas 20 empresas de comunicação e dessas somente duas se localizam nos Campos Gerais, o *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, e o *Página Um*, do município de Castro. Além dessas foram levantadas o *Jornal de Manhã*, de Ponta Grossa, a *Gazeta de Palmeira* e *A Folha*, as duas com sede no município de Palmeira, também nos Campos Gerais.

Informações prévias, levantadas junto ao veículo no mês de julho 2018 para o desenvolvimento desta pesquisa, indicam que o *Diário dos Campos*, jornal que circula de terça-feira a sábado, conta na sua redação cinco jornalistas homens, entre eles com cargos de editor-chefe, fotógrafos e repórteres, e quatro repórteres mulheres. No *Jornal da Manhã*, com circulação também de terça-feira a sábado, atuam onze jornalistas (incluindo o editor-chefe), mas desses somente duas são mulheres. A equipe produz em conjunto para o portal de notícias da empresa na internet, *A Rede*. Os demais jornais impressos levantados até o presente momento: *Página Um* (Castro), *Gazeta de Palmeira* e *A Folha* (Palmeira), são de circulação semanal. De acordo com as informações obtidas através do expediente dos veículos, as redações são compostas da seguinte maneira: o jornal *Página Um* conta com editor homem; a

Gazeta de Palmeira com um editor homem e uma repórter mulher; e a *Folha* com um diretor e um repórter fotográfico, ambos do sexo masculino.

Acredita-se que a pesquisa irá mostrar que a feminização da profissão de jornalista nos Campos Gerais não reflete os resultados de levantamentos dos grandes centros. A priori, percebe-se que há menos mulheres em redações de impressos nesta região do que nas capitais, por exemplo. Além disso, a pesquisa deverá trazer um mapa atualizado do perfil das mulheres no jornalismo no interior do Estado e, ao mesmo tempo, verificar como as relações de gênero se dão neste ambiente.

Referências bibliográficas

LEITE, ALINE TEREZA BORGHI. **Profissionais da mídia em São Paulo: Um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo.** São Carlos: UFSCar, 2015. 232p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MORAES, Maria Lygia Quartim. **Usos e limites da categoria gênero.** Cadernos Pagu, n.11, p.99-105, 1998.

PONTES, Felipe Simão. **Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras.** 2º Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. Guarapuava: Unicentro, junho 2016.

SANTOS, Abinoan Santiago dos; LEMES, Kethlyn; ROCHA, Paula Melani. “**Proximidades entre Macapá (AP) e Ponta Grossa (PR): O papel da mulher no mercado de trabalho em Jornalismo**”. II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas. Edição Atual V. 1, 2017.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias.** Mestrado (Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25629>.

Imprensa Lésbica no Brasil - constituindo uma trajetória

Nome do aluno (a): Paula Évelyn Silveira Barbosa

Orientadora: Paula Melani Rocha

Resumo: O trabalho apresenta a síntese do primeiro semestre da pesquisa cujo objetivo é constituir a trajetória da Imprensa Lésbica brasileira. Aqui são discutidos, brevemente, os aportes teóricos-metodológicos que guiarão o estudo. A partir da constatação da lacuna de Estudos em Jornalismo sobre a Imprensa Lésbica, proponho a construção de uma narrativa sobre o tema, utilizando a metodologia da história oral. Trata-se de referencial adequado a pesquisas exploratórias e que permite que indivíduos alijados de suas memórias possam ter protagonismo na construção de uma narrativa histórica. Na discussão conceitual de jornalismo, discorro sobre o jornal como meio de constituição política das lésbicas.

Palavras-chave: Imprensa Lésbica; história do jornalismo; história da imprensa; Estudos em Jornalismo

Como se desenvolveu a Imprensa Lésbica no Brasil? Essa é a pergunta que guia minha pesquisa de mestrado. A pertinência dessa proposta encontra ressonância na falta de memórias, sobretudo em registros acadêmicos, sobre as lesbianidades de maneira geral. Algo que já foi constatado pela pesquisadora Norma Mogrovejo (2000), ao estudar a trajetória dos ativismos lésbicos na América Latina.

Na interface com os Estudos em Jornalismo, essa lacuna também foi verificada. Recentemente, realizei um levantamento nos anais do grupo de pesquisa de História do Jornalismo do Intercom Nacional¹⁰, considerando os anos de 2013 a 2016. Naquele estudo (SILVEIRA-BARBOSA, 2018), não foram encontrados trabalhos sobre a Imprensa Lésbica brasileira, a despeito de haver registros de veículos deste segmento há pelo menos 37 anos¹¹ (CARDOSO, 2004).

Algumas pesquisadoras (LESSA, 2007; SELEM, 2007; MAIA, 2017) contribuíram com estudos importantes sobre o tema, porém, em outras áreas do conhecimento e, portanto, com

10

¹⁰ Trata-se do maior evento de comunicação realizado no país, que reúne cerca de 3,5 mil participantes anualmente. Mais informações disponíveis em: <<http://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/apresentacao5>> Acesso em 09 de setembro de 2018.

11

¹¹ Num estudo sobre a Imprensa Feminista no Brasil, Cardoso aponta que, em 1981, surge o jornal *Chana com Chana*, que teria sido a primeira publicação lésbica do país.

objetivos distintos daqueles que buscamos no campo do Jornalismo. Sendo assim, meus estudos destinam-se à constituição de uma narrativa acadêmica sobre a história da Imprensa Lésbica brasileira.

Para empreender o objetivo proposto, utilizo as teorizações de pesquisadores da Sociologia do Conhecimento, como Berger & Luckmann (2004) e Schutz (2014). A partir da perspectiva desses autores, podemos entender o jornalismo como espaço de constituição política dos indivíduos, além de partícipe do processo de construção social da realidade. A proposta desses autores é válida para compreender a formação da Imprensa Lésbica, uma vez que as organizações desses veículos buscavam interferir nos esquemas de interpretação da realidade, a partir da publicação de periódicos. Ou seja, trata-se de uma busca por reconhecimento na esfera pública a partir do jornal - instituição capaz de mediar as relações entre a sociedade civil e a esfera política.

A Imprensa Lésbica também pode ser pensada como dispositivo de distribuição de conhecimento (CONDE, 2000; PARK, 2008). Não apenas do conhecimento mediano, que permitiria a coesão social. Mas sobretudo do conhecimento que permite a ação política, como estabelece Park (2008). Dito de outra forma, meu olhar sobre os jornais da Imprensa Lésbica vislumbra um espaço de constituição política de indivíduos discriminados - neste caso, as lésbicas.

No âmbito dos estudos sobre lesbianidades, o projeto se aproxima do pensamento de Monique Wittig (2006), no que se refere ao conceito de heterossexualidade como regime de dominação política. Essa proposta teórica possibilita a compreensão do contexto no qual se origina e se desenvolve a Imprensa Lésbica brasileira. Dado o tamanho limitado deste resumo, cito como exemplo apenas um acontecimento que ilustra a relação do pensamento de Wittig com a realidade das lésbicas brasileiras.

Em 1980, quando ainda vigorava a ditadura civil-militar no Brasil, o delegado José Wilson Richetti realizava operações de caça à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) e também às prostitutas. Essas ações ficaram conhecidas pelo nome de Operação Limpeza. Como detalha Marisa Fernandes (2014), as polícias civil e militar uniram-se para a perseguição a esses grupos na capital paulista. Com o apoio do exército, os policiais realizavam buscas em locais frequentados por esses públicos para ordenar prisões arbitrárias e espancamentos. Daí a pertinência de se pensar a heterossexualidade como um regime de dominação política, como propõe Wittig (2006).

Para caracterizar a trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil, será adotada a metodologia da história oral. Essa proposta será utilizada não apenas como alternativa de conveniência, dado o cenário de escassez bibliográfica sobre o assunto. Trata-se também de uma opção política para amenizar as desigualdades reproduzidas na escrita acadêmica, que desconsidera as memórias dos atores sociais diretamente envolvidos nos fatos históricos (PORTELLI, 1997).

Sendo assim, serão realizados levantamento documental e entrevistas semi-estruturadas. Essas técnicas são adequadas a estudos de caráter exploratório (GIL, 2016) e, neste caso, com escassez bibliográfica, como descrito na seção introdutória. O exame dos resultados obtidos nessa etapa deverá se pautar em estudos como os de Marialva Barbosa (2007), que apreendem a história da imprensa em uma perspectiva ampliada, isto é, em sua relação com o social.

Com a pesquisa proposta, pretende-se traçar uma trajetória da Imprensa Lésbica brasileira, contribuindo para a constituição da memória de nosso campo profissional. Além disso, a conclusão do estudo deve tensionar as relações de desigualdade que reproduzimos em nossas produções acadêmicas. Na interface com estudos sobre lesbianidades, a pesquisa servirá para atenuar o apagamento histórico ao qual as lésbicas estão sujeitas (MOGROVEJO, 2000).

Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 35-68.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**, v.12, número especial, p. 37-55, 2004.

CONDE, Maria Rosa Berganza. **Comunicación, opinión pública y prensa en la sociología de Robert E. Park**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, EdUFSCar, 2014, p. 125-148.

GIL, Antonio Carlos Gil. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2016.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (1979- 2006)**. 2007. 261 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília.

MAIA, Carolina. **Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondência e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira.** 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOGROVEJO, Norma. **Un amor que se atrevió a decir su nombre: la lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homosexual y feminista en América Latina.** Cidade do México: Plaza y Valdés, 2000.

PARK, Robert E. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo da Sociologia do Conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A Era Glacial do Jornalismo**, v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 51-70.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, v. 14, p. 25-39, 1997.

SCHUTZ, Alfred. Sobre realidades múltiplas. Traduções Essenciais. 2010. Disponível em: <<http://traducoessenciais.blogspot.com.br/2010/09/alfred-schutz-sobre-as-realidades.html>> Acesso em 03 de agosto de 2018.

SELEM, Maria Célia Orlato. **A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica.** 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. Prensa Lesbiana en Brasil: ¿dónde está esta historia? In: **XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC)**, 2018, San José, (no prelo).

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos.** Tradução de Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006.

Cobertura jornalística das eleições de 2014 e 2018 para governador do Maranhão: análise comparativa das publicações dos jornais O Estado do Maranhão e O Imparcial

Nome do aluno (a): Regilson Furtado Borges

Orientador (a): Sérgio Luiz Gadini

Resumo

Este trabalho de pesquisa tem como objetivos principais analisar a cobertura jornalística do período eleitoral de 2014 e 2018, dos jornais O Estado do Maranhão e O Imparcial, das eleições para governador do Maranhão, além de procurar compreender como os candidatos recebem tratamento destes jornais, durante o pleito eleitoral. Também serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os produtores da notícia de cada veículo. Os pressupostos teóricos abordam as questões relacionadas as condições que os acontecimentos geralmente estão sujeitos para a produção da informação jornalística.

Palavras – chave: Jornalismo; Eleições; O Estado do Maranhão; O Imparcial.

Introdução

Este projeto se propõe a analisar a cobertura jornalística das eleições de 2014 e 2018 para governador do Maranhão. A problemática da pesquisa está relacionada ao tentar compreender os aspectos da cobertura jornalística regional, em períodos especiais, como o de eleições estaduais. Portanto, este trabalho de dissertação parte do seguinte questionamento: como os jornais O Imparcial e O Estado do Maranhão fizeram a cobertura das eleições para governador do Maranhão, nos anos de 2014 e 2018?

Para tanto, parte-se dos seguintes objetivos para tentar responder a esta pergunta: procurar identificar como ocorreu a cobertura jornalística nos jornais Estado do Maranhão e O Imparcial, nas eleições para Governador do estado do Maranhão, nos anos de 2014 e 2018; Analisar de que forma os principais candidatos que concorrem ao pleito eleitoral são tratados pelos periódicos; Compreender, por meio de entrevistas semiestruturadas, como os produtores da notícia, de cada jornal, trabalham com o jornalismo político a partir das lógicas e rotinas da cobertura realizada nas respectivas eleições.

Para tanto, esta pesquisa baseia-se em compreender como os jornais regionais têm pautado as disputas majoritárias no estado. Por isso, este trabalho também diferencia-se, de outros já realizados, ao pesquisar jornais que estejam localizados na região Nordeste, para

poder discutir a produção jornalística a nível regional, e assim compreender diferenças e semelhanças dos processos jornalísticos de cada periódico a ser analisado. Os dois jornais a serem pesquisados configuram-se com linhas editoriais distintas, o que permite a intenção de investigar a agenda (MCCOMBS, 2009) dos dois veículos nas disputas eleitorais já mencionadas.

Ao analisar a produção jornalística no período de disputa eleitoral, também pode-se contribuir para entender o que os jornalistas e produtores de notícia têm selecionado para manter a sociedade informada, além de demonstrar a importância ou não que determinados temas podem ganhar em cada jornal.

Em relação aos aspectos metodológicos, o recorte temporal está dividido entre os meses que acontecem as eleições nos dois períodos analisados. Em 2014, meses de análise compreendem de julho a outubro. Já em 2018, o período eleitoral é mais curto, e está relacionado aos meses de agosto a outubro. Serão analisadas as edições impressas dos dois jornais, disponíveis de forma online do site dos veículos, em uma área restrita para assinantes.

A cobertura jornalística da política no período eleitoral

Ao considerar que existem diversas formas de se exercer jornalismo, como abordam Weber e Coelho (2011), e que esses tantos jornalismo concebem suas maneiras de produzir notícia e na forma como se estabelece relações com a imprensa, principalmente quando se observa os sujeitos que procuram construir um processo de agendamento na mídia por meio de suas ações. Shoemaker (2011) retrata que diversos eventos são pensados para garantirem que sejam noticiados nos meios de comunicação. Desde o formato até a maneira como a imprensa deve abordar os conteúdos são levados em consideração pelos promotores de mídia.

Para se pensar este processo chamado de agendamento temático, tão importante para compreender o conteúdo produzido no período eleitoral, esta teoria procura discutir o papel da imprensa na sociedade, no sentido de que os meios de comunicação contribuem para formar a opinião pública e construir imagens de assuntos que não são conhecidos pelo público (MCCOMBS, 2004). Lippmann (2010) também faz algumas considerações sobre a relação da imprensa com a sociedade. O autor fala como as imagens são construídas na cabeça das pessoas, mesmo que elas não tenham vivenciado algum acontecimento, mas como os meios de comunicação retratam estes ocorridos, as pessoas constroem essas imagens a partir do que ouvem ou leem.

Fishmann (1983) relata que este mundo cheio de informações que nos rodeia e do público sedento por saber sobre que está acontecendo. Ao examinar o processo de produção da notícia, por meio da observação em uma TV, nos Estados Unidos, o autor mostra como alguns fatos ganham destaque no noticiário, em detrimento de outros. Para ele, o processo de produção das notícias pode ser abordado em quatro etapas, que são os seguintes: quando os jornalistas 1) detectam os eventos; 2) interpretam eventos significativos, 3) investigam seu caráter factual e 4) coletam ou "reúnem" em notas e artigos.

A partir dessas considerações, Cervi (2003) destaca que a imprensa colabora no processo eleitoral, quando fornece visibilidade aos candidatos, e contribui para que os eleitores possam formar suas opiniões acerca dos temas tratados na cobertura jornalística. Os processos de escolha que ocorrem nas redações julgam quais os assuntos são mais importantes do dia, e então passam a ser selecionados por editores, diretores ou repórteres. A maneira como os jornais dispõem as notícias, seja nas chamadas dos telejornais, TVs ou na capa de um periódico, diz muito sobre a importância que eles dão a determinados assuntos.

Lippmann (2010) argumenta que a Opinião Pública pode ser construída a partir do pseudoambiente das pessoas, e que também é construído pelos meios de comunicação. Importante destacar, também, que as imagens construídas pela imprensa podem ser benéficas ou não, dependendo da forma como os assuntos são abordados pelos jornais. Pinto (2017) relata que os meios de comunicação nas regiões Norte e Suldeste do país são controladas por poucas pessoas. Porém, a partir do momento em que estas empresas obedecem a lógica deste pequeno grupo, a opinião pública tende a ficar comprometida aos interesses pessoais de quem controla as empresas jornalísticas. Se o conhecimento do público também está relacionado ao que a imprensa noticia, esta representação da realidade (ALISNA, 2009) produzida pelos meios de comunicação fica extremamente tendenciosa.

Em termos históricos, Cervi (2003) alerta que as coberturas noticiosas da imprensa dependem muito da função social que ela representa. O autor relembra a posição partidária da imprensa brasileira no século XIX, em que se buscava defender as ideologias nos meios de comunicação. A isenção e objetividade passaram a fazer parte da mídia no Brasil, quando o modelo comercial influenciou as redações e passou a ser visto como um modelo de fazer negócio bem mais rentável, a fim de atrair os investimentos publicitários para os meios de comunicação. Mais uma vez observa-se que o compromisso social do jornalismo fica em segunda plano. Cervi (2003) também discute os efeitos da agenda-setting no processo de

construção de debate público. Quando a imprensa decide cobrir alguns temas em relação outros, ela está dando visibilidade para determinado assunto e fazendo com que ele entre na roda de conversa do público. Mas, se assuntos importantes são omitidos da cobertura jornalística, eles deixam de fazer parte do imaginário (LIPMMANN, 2010) das pessoas.

O processo de agendamento quando analisado empiricamente, pode-se perceber, como afirma Cervi (2003), que a cobertura jornalística tende a ser desigual. Um dos motivos pode ser apontado pela pesquisa de Pinto (2017), em que os meios de comunicação são comandados por políticos com cargos públicos ou que desejam projetar suas carreiras, e por isso usam dos meios de comunicação na qual pertencem para terem suas carreiras projetadas. A partir de então, outros candidatos que concorrem ao pleito podem deixar de ganhar visibilidade midiática, e conseqüentemente deixarão de fazer parte do imaginário do público. Pode-se inferir que nas eleições, quando a imprensa destina mais abertura para falar de determinado candidato, ela, em algum momento, deixará de dar destaque para as ações de outros (CERVI, 2003).

Shoemaker (2011) concede algumas pistas sobre estas preferências de escolhas dos *gatekeepers*. Eles possuem algumas preferências, modos e concepções próprias para escolher o que vai ser publicado ou não, além de possuir liberdade para realizar escolhas pessoais, porque também seguem as restrições das empresas de comunicação. Sem falar que a organização administrativa das redações também moldam a forma como o *gatekeeping* irá realizar a seleção das informações. As próprias notícias seguem este fluxo, pois algumas possuem hora e prazo de validade, o que força os selecionadores a tomarem decisões rápidas e precisas.

Metodologia

O recorte temporal deste trabalho divide-se em dois momentos. O primeiro se trata da eleição de 2014, que compreende a três meses de duração (julho a outubro), de acordo com as regras do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O segundo é mais curto e corresponde a 45 dias de campanha, de agosto a outubro. Os dados referentes aos conteúdos publicados e os que ainda serão veiculados pelos dois jornais, devem ser extraídos das publicações impressas, que estão disponíveis nos sites de notícia de cada periódico.

Os dados serão coletados e logo após devem ser criadas as categorias que correspondam aos objetos propostos. Após as análises, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os produtores de notícia de cada veículo.

Em relação aos objetos estudados, o jornal O Estado do Maranhão está situado na cidade de São Luís, capital do Maranhão. O periódico pertence ao conglomerado de comunicação do Sistema Mirante de Comunicação, que conta com emissoras de rádio, televisão, portal de notícia e jornal impresso. A audiência dos meios de comunicação do Grupo Mirante chega a 200 municípios no Maranhão, do total de 217 cidades. O jornal O Estado do Maranhão, quando começou suas atividades, se chamava Jornal do Dia, e foi fundado em 1959. Quando em 1973 passou a ser chamado O Estado do Maranhão, o jornal já conseguiu se diferenciar dos outros concorrentes, ao usar um sistema chamado *off-sete*, considerado muito moderno para a época (SOUSA e CONCEIÇÃO, 2008). O Estado do Maranhão é um dos mais tradicionais do estado, mas o seu número de circulação não conta na lista da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), de 2015. O jornal também está presente nas redes sociais, como o Twitter, Instagram e no Facebook. O site do periódico se encontra no endereço www.imirante.com/oestadoma/, onde pode ser visitadas as editorias de Opinião, Esporte, Política, Economia, Cidades e Alternativo, além de ser disponibilizado a versão online do jornal impresso, para os assinantes.

O jornal O Imparcial surgiu com o ideal de não incorporar medidas ideológicas ligadas a grupos políticos. O veículo é um dos mais antigos do Maranhão e já chegou a fazer parte dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Com mais de 80 anos de história, O Imparcial é concorrente direto do O Estado do Maranhão. Como propõe o título, o jornal surgiu com o objetivo de trabalhar com a imparcialidade, e foi fundado por José Pires Ferreira, em 1926 (SOUZA, SILVA, SOUSA et al., 2006). O Imparcial também possui site www.oimparcial.com.br, onde são disponibilizadas notícias online, e as versões impressas do periódico.

Possíveis resultados

Espera-se que, ao final deste trabalho de dissertação, os dados obtidos possam contribuir para compreender alguns aspectos da cobertura jornalística dos jornais maranhenses. Espera-se, também, confirmar algumas tendências já verificadas em outros trabalhos (CRISTINA, 2017), sobre a postura dos jornais aqui citados, ao possuírem aspectos políticos e partidários, quando observadas a cobertura jornalística de cada uma deles.

Referências bibliográficas

ALSINA, R.; M.. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CERVI, E. U. A cobertura da imprensa e as eleições presidenciais 2002. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Portugal, v. 1, p. 01, 2003.

FISHMANN, M. **La Fabricación de la Noticia**. Buenos Aires: Três Tiempos, 1983.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 2010.

MCCOMBS, Ml. **A Teoria da Agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINTO, P. A. OS DIFERENTES ELOS ENTRE MÍDIA E POLÍTICA NO MERCADO REGIONAL BRASILEIRO: vínculos de conglomerados nacionais e grupos do Norte e do Sul. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política – Compolítica. Porto Alegre – RS, 10 a 12 de maio, 2017.

SHOEMAKER, P.; VOS, T. P. **Teoria do Gatekeeping** - seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso. 2011.

SOUZA, Débora Andréa; SILVA, Hugo Leonardo Viegas; SOUSA, Marcela Coelho de; GONÇALVES, Yuri Augusto Santos. **O IMPARCIAL**: histórico e consolidação dos diários associados no Maranhão. Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2006.

WEBER, M. H.; COELHO, M. P. Entre jornalismo e poderes. In: **Jornalismo contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas**. SILVA, Gislene; KÜNSCH, Dimas A.; BERGER, Christa; ALBUQUERQUE, Afonso. (Org.). Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.